



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS /
CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
FILOSOFIA

EDILANIA ROCHA OLIVEIRA

HISTÓRIAS DE VIDA COMO MEDIAÇÃO PARA O FILOSOFAR

Recife
2021

EDILANIA ROCHA OLIVEIRA

HISTÓRIAS DE VIDA COMO MEDIAÇÃO PARA O FILOSOFAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Junot Cornélio Matos

Recife

2021

O48h Oliveira, Edilania Rocha.
Histórias de vida como mediação para o filosofar / Edilania Rocha
Oliveira. – 2021.
133 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Junot Cornélio Matos.
Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de
Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Recife,
2021.
Inclui referências e anexos.

1. Filosofia. 2. Ensino de filosofia. 3. Convivência. 4. Vida. I. Matos,
Junot Cornélio (Orientador). II. Título.

100 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2022-100)

EDILANIA ROCHA OLIVEIRA

HISTÓRIAS DE VIDA COMO MEDIAÇÃO PARA O FILOSOFAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, na área de Filosofia e ensino, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em: 09.03.2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos – Orientador
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Vieira Ramos – Avaliador Interno
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Maria José Sena – Avaliadora Externa
Universidade Federal de Pernambuco – Arte e Comunicação

À Cecília Maialú, querida filha, que na minha História de Vida, é a experiência
suprema do amor.

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente a minha filha Cecília Maialú, a quem deixei, por tantas vezes, sem a minha presença e, a minha irmã Betânia, a pessoa que está comigo em todos os momentos, dando-me força e incentivo em tudo o que me proponho a realizar, minha eterna gratidão

Ao professor/orientador desse trabalho, Junot Matos, a quem admiro profundamente, agradeço pela atenciosa condução no desenvolvimento do mesmo e, sobretudo, pela humanidade para comigo durante esse percurso prazeroso e doloroso.

Ao professor Dr. Sérgio Ramos, pôr no meio de tantas atribuições, ter aceito ser meu avaliador interno e, a professora Dra. Maria José Sena, por também, ter feito parte como avaliadora externa, desse momento ímpar em minha construção histórica e filosófica de escrita da vida, numa vivência experiencial de ser e de estar no mundo.

Aos meus amigos professores e companheiros de mestrado - PROF-FILO 2019/2020, Marta Lemos, Wagner, Pastor Elânio, Ginaldo e Maria Ilda, meu muito obrigada. Palavras não descreveriam a gratidão que tenho pela companhia e pelas prosas durante nossas infindáveis viagens e, especialmente a quem nos conduzia, Pastor Elânio, muito agradecida pela responsabilidade e generosidade que sempre teve conosco nas estradas intermináveis até a cidade de Recife.

À professora, escritora e amiga, Maria Aparecida, pela disponibilidade para corrigir meus devaneios nessas poucas linhas escritas.

Aos professores do mestrado, assim como, todos os colegas da turma, que os caminhos incertos da vida possam nos levar a infinitos outros caminhos, e quem sabe nos incertos caminhos, possamos encontrar alguns “certos” caminhos no caminhar da vida.

A CAPES, por ter me oportunizado ser bolsista durante esses dois anos de curso, financiando minhas viagens para as aulas presenciais.

Em especial, a Gildimar Guilherme. Incentivador de todo esse processo que vivenciei. Gratidão eterna por me apresentar mais profundamente a Filosofia, e me oportunizar apaixonar-me por ela. Nas incertezas da nossa construção como seres, algumas certezas são pontuais, as que amigos como você são raros e quando temos por perto, precisamos ser gratos ao universo e a Deus. Sua existência é vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pensar a vida a partir de vivências experienciadas pelo sujeito, durante seu processo de construção da sua história de vida, tendo como possibilidade a experiência para nortear o filosofar no espaço educativo. Nosso caminho será trilhado com narrativas das histórias de vidas rememoradas pelos estudantes, tendo como foco as situações vividas que nos tocam e, ao nos tocarem, acontecem em nós, fazendo por meio da escrita a vida acontecer. As narrativas desenvolvidas, através das histórias de vida expostas pelos estudantes, serão analisadas buscando-se elencar as subjetividades encontradas em suas falas. Durante meu percurso como professora sempre me inquietou perceber o quanto os estudantes não são percebidos através das lentes de seus mundos. Assim, este trabalho tem como propósito abordar a experiência que eles trazem de forma particular dentro de suas pluralidades. Essa vivência será pensada a partir da leitura de Larrosa sobre a experiência, “sendo o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, e essa possibilidade poderá permitir ao estudante escrever sua história nas entrelinhas da vida, numa filosofia particularmente sua. Em meio a experiência vivenciada por mim e pelos estudantes durante as oficinas, foram desenvolvidas condições que possibilitaram tecer algumas considerações, que contribuíram para a compreensão das experiências vivenciadas no contexto das histórias de vidas narradas, percebendo que essa tessitura se dá no momento que se inicia a escrita da vida. A intervenção do Mestrado Profissional em Filosofia/PROF FILO - Núcleo UFPE - aconteceu através de oficinas com aporte temático sobre as histórias de vida e as experiências vivenciadas, com uma reflexão voltada para a escrita da vida, numa mediação para o filosofar.

Palavras-chave: História de vida; experiência; sujeito; escrita da vida;

ABSTRACT

This work aims to think about life from the experiences experienced by the subject, during his process of building his life story, having the experience as a possibility to guide the philosophizing in the educational space. Our path will be traced with narratives of life stories remembered by students, focusing on lived situations that touch us and, when they touch us, happen in us, making life happen through writing. The narratives developed, through the life stories exposed by the students, will be analyzed seeking to list the subjectivities found in their speeches. During my journey as a teacher, it always bothered me to realize how much students are not perceived through the lens of their worlds. Thus, this work aims to approach the experience that they bring in a particular way within their pluralities. This experience will be thought from Larrosa's reading of the experience, "being what happens to us, what happens to us, what touches us", and this possibility may allow the student to write his story between the lines of life, in a particularly philosophy your. In the midst of the experience lived by me and the students during the workshops, conditions were developed that made it possible to make some considerations, which contributed to the understanding of the experiences lived in the context of the narrated life stories, realizing that this texture takes place at the moment it begins. the writing of life. The intervention of the Professional Master in Philosophy/PROF FILO - Núcleo UFPE - took place through workshops with thematic contribution on life stories and lived experiences, with a reflection focused on the writing of life, in a mediation for philosophizing.

Keywords: Life history; experience; subject; life writing;

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	EXISTÊNCIA E VIDA: DISCUSSÕES PRELIMINARES	17
2.1	Experiencia, algo que (nos) acontece	20
2.2	Modernidade e experiencia	23
2.3	Vivência cotidiana.....	26
2.4	Narrar o eu, rememorar um recorte da realidade	29
3	O CHÃO DA ESCOLA, UM LUGAR DE FALA, UM LUGAR QUE FALA	33
4	A ESCRITA DA VIDA: UMA CONSTRUÇÃO (IN) CONCLUSIVA	43
5	A EXPERIÊNCIA E O PERMITIR SER TOCADO POR ELA.....	52
5.1	1ª Oficina: Cadernos etnográficos.....	55
5.2	2ª Oficina: Pesquisa exploratória	56
5.3	3ª Oficina: Felicidade 1.....	61
5.4	4ª Oficina: Felicidade 2	63
5.5	5ª Oficina: Amizade 1.....	68
5.6	6ª Oficina: Amizade 2.....	71
5.7	7ª Oficina: Dinheiro.....	76
6	NOS FRIOS BANCOS DA ESCOLA, SEMPRE É PERMISSÍVEL UMA EXPERIÊNCIA.....	82
7	CONSIDERAÇÕES, REFLEXÕES E OUTRAS POSSIBILIDADES	84
	REFERÊNCIAS.....	90
	APÊNDICE A - SITES DE PESQUISA REALIZADA	93
	ANEXO A - CADERNO ETNOGRÁFICO	94
	ANEXO B - LIVRO DE HISTÓRIA INFANTIL A BORBOLETA AZUL	99
	ANEXO C - MATERIAL PRODUZIDO PELOS ESTUDANTES DURANTE A PESQUISA EXPLORATÓRIA.....	108

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho dissertativo traz uma concepção das diversas experiências vivenciadas nas histórias de vidas dos sujeitos, assim como na construção da escrita da vida numa percepção das experiências plurais.

Essas percepções se dão no espaço/tempo da escola (cujo ambiente serviu para a realização das oficinas/laboratórios), lugar pensando para acontecer as experiências que tecem vida dos sujeitos de forma inimaginável, com foco no pensamento do filosofar dentro de uma perspectiva de subjetividade. Podemos citar Silva, (2020, p. 28), quando aponta que, “as experiências, são o fio condutor de um ser consciente e de sua existência, do seu modo de habitar entre seus iguais e a finalidade para cada uma delas, no tempo e no espaço”.

No campo das experiências, existe uma passagem entre o sujeito e a própria experiência, visto que ela pode acontecer e não o tocar, pois o sujeito precisa está aberto, exposto para que a experiência aconteça “nele”, com ele, Dessa forma, na sua escrita da vida, sua precisão nas narrativas serão condizentes com sua realidade.

O sujeito precisa está aberto a própria mudança, assim como diz Larrosa, (2018, p 28), “a experiência é aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.

Falar sobre experiência e escrita da vida nos remete a uma singularidade particular do sujeito em épocas vivenciadas na vida. Nesse momento, particularmente na sala de aula, tanto nas aulas de Filosofia quanto nas demais disciplinas, esse sujeito da experiência está posto no mundo e para o mundo. Cabe a ele saber se está nessa exposição de fato ou se sua negação durante séculos e séculos, incluindo no campo educacional, o fez ser somente o sujeito, sem a probabilidade de ter a subjetividade nas andanças da vida, nas filosofias da vida e na escrita da vida.

Percebemos a Filosofia como a disciplina que insiste em se manter viva e atuante no campo do pensamento. Hora está no currículo, hora sai do currículo, mas não se deixa esquecer, não se permite abater, pois o pensamento filosófico é

permissível e, pelo menos, tentado ser difundido no espaço educativo. Por mais que seja tentada a extirpação dessa disciplina da escola, ela permanece no (in)consciente dos sujeitos que participam de momentos vivenciais como esses propostos neste trabalho, no qual o pensar a vida seja mais que, puramente, a ver passar diante dos olhos, seja a enxergar além dos horizontes invisíveis do impensado.

No chão da escola, tentamos compreender a problemática da escrita filosófica da vida numa perspectiva de experiência. Partimos de um questionamento, de uma inquietação outrora observada: por que os jovens não são percebidos em seus mundos? Por que suas vivências experienciais são tão descartáveis? Como podemos evidenciar e otimizar o que os estudantes trazem consigo de experiência? Que premissa inicial podemos ter para adentrar ao “mundo” dos estudantes?

São perguntas de natureza aparentemente simples, mas com um cunho de simbologia significativa para eles. Assim sendo, por meio das respostas buscadas, é possível favorecer mediação na construção da escrita da vida em cada história a ser construída.

Temos como proposta descrever nas páginas que seguem, como as narrativas das histórias de vida perpassam as experiências e constroem a escrita da vida, numa visão em que a escola é um dos lugares favoráveis para a experiência filosófica da vida e com a vida. Destarte, a educação não pode esquecer que é na filosofia e demais disciplinas que se fazem os vários sentidos e significados perante o mundo, não permanecendo no pensamento do nosso aluno meramente através de pequenos recortes, mas como um todo existencial.

Como cita Kertész (*apud* Larrosa, 2018, p. 48), “(...)como estabelecer, pois, uma relação entre minha personalidade formada por minhas experiências e a história que nega a cada passo e até aniquila minha personalidade?”. Nesse sentido, é necessário repensar a forma que conduzimos nossos alunos e o que conduzimos com eles, não permitindo a continuação da negação de “nós” como sujeitos.

Ao pensarmos em nosso aluno como um sujeito em construção permanente, entendemos que suas experiências serão novas a cada dia e que somente ele é quem pode vivenciá-las. Assim, priorizamos desenvolver este trabalho em quatro partes, onde em cada uma delas abordaremos sobre a experiência e a escrita da vida, numa permanente busca de sentido e significado para o quem somos e em que medida nos construímos.

A experiência faz parte da escrita da vida de cada sujeito, pois poderíamos pensar em escrever a vida, seguindo a concepção de Larrosa, (2018, p. 33), quando enfatiza que, “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”, pensando nisso, nós professores temos papel fundamental na participação da construção vivencial dos alunos, pois essa apropriação da vida, por vezes, só acontece na escola.

A primeira parte do texto procurara fazer uma discussão preliminar sobre a existência e a vida, a partir de uma visão não aprofundada, mas superficial da corrente filosófica existencialista. Existem algumas percepções relacionadas ao homem mas, nesse momento, ele é visto como o ser de relações, no qual vivencia muitas situações com vários outros seres, interagindo e se percebendo como partícipe deste mundo e da sua existência.

Segundo Abbagnano (1976, p. 45), existencialismo é caracterizado em primeiro lugar, (...) pelo facto de questionar o modo de ser do homem; e, dado que entende este modo de ser como modo de ser no “mundo”, sem por isso pressupor o ser como já dado ou constituído. O homem se constitui gradativamente a partir de sua vivência enquanto ser de vida e existência.

Esse sujeito da vida e existência, formando-se e transformando-se, vai ser o sujeito da experiência. Experiência essa que pode ser vista como ação de vivência interior que os oportuniza a experimentação das situações da vida.

A experiência faz parte da formação do homem ajudando-o na sua transformação, marcando sua vida e sua maneira de ser, dentro daquilo que ele chama de personalidade. Segundo Larrosa, (2018), a experiência do sujeito é “... o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade”. Ao me acontecer, formar-me, marcar-me, a experiência pode ser caracterizada como um movimento transitório, não impedindo que o aprendizado atravessasse o sujeito e o transforme.

O homem como ser social vive e vivencia suas experiências com outros sujeitos. Essas experiências acontecem em seu dia a dia fazendo parte dele ou não. Se elas realmente “passarem nele” ou “tocarem” ele, serão de fato experiências experienciadas, mas o que se percebe na atualidade são vivências cotidianas sem reais experiências internalizadas pelo sujeito.

O homem se constituindo como sujeito social, conseqüentemente sujeito

moderno, considera-se o sujeito informado. Ele desconhece que o excesso de informação pertinente ao mundo atual, a modernidade automática em que vivemos, não faz dele o ser de experiência, faz dele somente o sujeito que tenta, cotidianamente, estar buscando informação para se manter esclarecido, desconhecendo o que se passa nele ao se permitir ser tocado pela experiência.

Quanto mais informação o sujeito possa ter ou absorver, mais constante é a busca que ele tem por ela. Então, fica perceptível de forma até preocupante que essa constante busca nem sempre lhe dá a visibilidade para perceber que as informações que ele se alimenta diariamente não o leva a ter experiência. Assim, transforma-o apenas no sujeito inundado de informação e privado de experiência, porque o que se passa com ele não o toca, não o transforma em detrimento do vasto aceleração em que as informações são colocadas.

A humanidade vive um momento que há um excesso demasiado de informações, existindo assim um desconhecimento do homem com a própria experiência. Esse “desconhecimento” leva o homem a um momento no qual não se vive de fato, em que a vida passa de forma tão arbitrária que, às vezes ele passa a não acreditar que essa vida forma o sujeito, transforma-o, o faz ser um ser de experiência.

Em sua vivência, o homem possivelmente pode compartilhar com outros sujeitos suas experiências. Esse compartilhamento pode se dar através das narrativas de suas memórias, havendo um reconto de recortes de sua história de vida, construída por ele em sua trajetória de escrita da vida.

Quando o homem pensa em reviver e narrar suas memórias, ele rememora momentos e fatos de sua história e da história de outras pessoas, com um sentimento de quem realmente viveu a experiência daquele momento. Assim, é possível perceber as vivências compartilhadas e experienciadas por ele, pois sendo um ser social suas histórias de vida se entrelaçam em outras vidas historiadas por ele.

Ao pensarmos em narrar as memórias relativas à escrita da vida, no percurso da nossa história de vida, é possível enfatizar Ricœur, (2007, p. 40), quando diz: “para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarassémos nos lembrar dela”. Dessa forma, nossa história sempre será lembrada através das nossas memórias, dentro do que conseguimos escrever na nossa trajetória.

A segunda parte do texto versará sobre a escola como um lugar de fala, de vivência, de experiência, num sentido de tempo/espço das relações humanas e dos processos educacionais.

Nosso contexto histórico nos traz a escola como espaço educativo que visa apenas repassar conteúdos formais para os sujeitos que fazem parte do processo, para logo seguir para o mercado de trabalho. Nela, não há a preocupação de pensar ele como o sujeito que, ao adentrar nesse espaço, já traz uma bagagem de conhecimentos prévios e não chega como uma folha em branco a ser preenchida segundo a vontade de outras pessoas.

Vivemos no século XXI e ainda reproduzimos pensamentos e conceitos pré-definidos e não experienciados, e a escola ainda faz isso de forma repetida. Nesse sentido, não possibilita aos estudantes um diálogo sobre a vida, mesmo sabendo que seu chão é um lugar vivo e que precisa ser pensado para ser vivido.

Pensamos sobre o impacto que a escola e seus acontecimentos têm sobre a vida do sujeito, faz-se necessário um repensar sobre ela e seus entraves. Dessarte, é relevante considerar o que é possível mediar a título de conhecimento, para que a passagem do sujeito, enquanto ser da experiência, seja na realidade a passagem tocada nele e experienciada por ele; sendo essas questões o despertar para a concepção de que o sujeito é um ser complexo e precisa ser visto e pensado dessa forma.

Pensando em uma educação que oportunize o sujeito a viver de forma autônoma as suas experiências dentro do processo educativo no espaço escolar, é interessante adentrarmos na fala de Freire (1996, P. 22), quando ressalta que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos (...)

Começemos a pensar a escola com esse importante papel, de oportunizar os estudantes a serem donos de si, a se perceberem sujeitos fazedores e construtores da escrita da própria história. Assim, vivendo e fazendo o acontecimento de suas experiências o aprendizado favorável para o bem viver, e que o chão da escola seja palco para essa façanha da vida.

A terceira parte discorrerá sobre a escrita da vida como algo inconclusivo, já

que a vida acontece a cada instante, sendo mutável e não inflexível. O sujeito se constrói e se forma diariamente em todos os lugares e é a partir disso que a experiência acontece. Essa experiência precisa ser dignificada ao ser vivenciada, pois ela faz parte da construção da escrita da vida dele, e essa escrita é traçada desde seu nascimento até sua morte.

A experiência do homem é vivida de forma particular. Por isso, falamos em escrita da vida como leitura experimentada pelo sujeito para além de registros cotidianos de fatos, é uma escrita dele sobre ele.

As histórias de vida vivenciadas pelos sujeitos são caracterizadas e concretizadas por acontecimentos, formando-os e transformando-os, fazendo nele a experiência e escrevendo sua história de vida. Podemos ver no que diz Momberger e Cardona¹ (2015, p. 57), quando apontam que:

O ser humano vive sua própria experiência e do mundo no tempo. A temporalidade é uma dimensão constitutiva da experiência humana. Experiências do homem sua existência no sentimento de uma unidade e uma identidade que dura no tempo. (tradução nossa)².

O homem vive suas experiências numa dimensão de tempo/espço onde ele toma consciência de si, constituindo-se como sujeito de sua própria existência, e assim suas vivências podem tornar-se experiências verdadeiramente que o tenham “tocado”. Na escrita da vida muitos fatos são esquecidos, pode ser que o inconsciente não deseje lembrar, mas nem por isso deixamos de fazer e construir nossa história, e pelas suas incompletudes nos reconstruímos diariamente.

A quarta parte dissertará sobre a intervenção realizada, com o título “A experiência e o permitir ser tocado por ela”, que aconteceu na Escola Estadual Professora Laura Maria Chagas de Assis. Dedicamos este momento a pensar sobre a ótica da experiência que cada sujeito já traz por meio de suas histórias de vida, mediante as temáticas que seriam trabalhadas por intermédio de uma pesquisa exploratória.

¹Apud ARANGO, Gabriel Jaime Murillo. **Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria** / Gabriel Jaime Murillo Arango; compilado por Gabriel Jaime Murillo Arango. - 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015.

²El ser humano vive su propia experiencia y la del mundo *en el tiempo*. La temporalidad es una dimensión constitutiva de la experiencia humana. El hombre experimenta su existencia en el sentimiento de una unidad y de una identidad que perduran a través del tiempo.

Nossos encontros foram realizados através de oficinas/laboratórios, onde houve a possibilidade não só de pensar a vida, mas da fala e da escrita da vida. Na primeira oficina foram entregues os Cadernos Etnográficos. Nessa oportunidade foi explicado como seria direcionado o trabalho com aquele material impresso. Cada aluno ficou com a tarefa de registrar seu nome, suas ideias sobre a temática e o que aconteceu em cada oficina proposta. Para isso, foram reservados mais ou menos 20 minutos.

Houve uma sequência na oficina com o livro de história infantil A borboleta Azul, com uma dinâmica entre as histórias de vida do homem, e suas transformações e a metamorfose da borboleta, personagem principal do livro.

A segunda oficina foi a Pesquisa Exploratória, na qual cada estudante respondeu a um questionamento para elencar três temas relativos à vida, temas que tratassem sobre questões que os preocupassem como sujeitos e que houvesse a possibilidade de realizar uma análises sobre elas no decorrer das oficinas.

Muitas palavras surgiram, mas houve reincidência em dezessete delas e em comum acordo com os alunos, foram selecionadas as quatro que tiveram maior incidência de repetição para promovermos a continuação das oficinas que seriam norteadas por elas.

A terceira oficina surge a partir da Pesquisa Exploratória com a temática Felicidade. Para este dia, disponibilizamos o vídeo, Como ser feliz – a felicidade em Aristóteles. A proposta de atividade foi direcionada aos estudantes para que pudessem perceber a visão aristotélica de felicidade e o que eles mesmos entendiam sobre ser feliz. Eles fizeram um desenho sobre o tema.

A quarta oficina consiste numa continuação da terceira, com a mesma temática. Para este dia, optamos por utilizar o material impresso, Epicuro Carta a Meneceu, na qual realizamos uma discussão nos jardins da escola acerca da felicidade.

A quinta oficina nasce com a temática Amizade. Elegemos utilizar, nesse momento, o curta metragem, Aprender a Aprender, para uma reflexão acerca da amizade e da vida, diante das experiências compartilhadas.

A sexta oficina prossegue com a temática anterior Amizade. Para esse dia foi programada a utilização de material impresso com um fragmento do livro Ética a Nicômaco. Os estudantes, após a leitura, responderam em um diálogo, através de uma roda de conversa, a alguns questionamentos problematizadores acerca da

experiência da vida e dos vínculos afetivos, que são edificados nos processos de construção das amizades.

A sétima oficina finaliza o início das experiências (com)partilhadas durante o processo interventivo. Nesse dia, direcionamos a temática Dinheiro, pensando no que já foi pensado e o que ainda não foi pensado e nem vivido, como experiência pelo sujeito através do “dinheiro”.

O material utilizado neste dia foi a animação Happiness (felicidade), que aborda como a corrida desenfreada pelas tecnologias e informações, consequentemente a corrida pelo lucro, torna o sujeito alienado e sem vida. Dessa forma, produz um sujeito sem viver a experiência das aventuras cotidianas, por elas passarem por ele e não o tocarem, não o formarem e não o transformarem.

Propomos ainda um material com frases de filósofos sobre o tema, para que os estudantes pudessem analisar e fazer um contraponto com o exposto anteriormente.

Assim, concluímos nossas oficinas com a sentimento de dever cumprido e a sensação de que este momento foi apenas o início de uma longa jornada de vivências e experiências compartilhadas no chão da escola, que terão continuidade no ciclo que gira a vida.

Nos frios bancos da escola, podemos aquecer nossas vidas diante das experiências plurais, as quais estamos abertos a vivenciar de forma compartilhada, formando-nos e transformando, fazendo assim com que a experiência nos atravesse e nos toque.

É nosso intuito, que possamos entender a experiência quando Larrosa, (2018, p. 26) expõe que, “é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Enfim, podemos concluir que, o que tece a vida e nos faz provar as experiências plurais cotidianas, nos permite-nos o transformar existencial e filosófico do viver.

2 EXISTÊNCIA E VIDA: DISCUSSÕES PRELIMINARES

A existência, como a vida, não pode ser conceitualizada porque sempre escapa a qualquer determinação, porque é, nela mesma, um excesso, um transbordamento, porque é nela mesma possibilidade, criação, invenção, acontecimento. Larrosa, (2018, p. 43)

As discussões preliminares aqui pontuadas não são o aporte teórico principal deste trabalho, mas um embasamento filosófico inicial sobre a existência do homem como ser que vive e se define a partir da própria vida.

Com o propósito de compreender os pormenores que marcam a complexidade do conceito de existência, é possível inicialmente concentrar a atenção ao significado que cerca a palavra existencialismo traduzida por Abbagnano (1976, p. 402), onde pontua,

Costuma-se indicar por esse termo, desde 1930 aproximadamente, um conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas cuja marca comum não são os pressupostos e as conclusões (que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência. Essas correntes entendem a palavra existência no significado, vale dizer, como o modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada situação, analisável em termos de possibilidade.

A análise existencial é, portanto, a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se. Nessas situações, obviamente, o homem nunca é e nunca encerra em si a totalidade infinita, o mundo, o ser ou a natureza. Portanto, para o Existencialismo, o termo existência tem significado completamente diferente do de outros termos como consciência, espírito, pensamento, etc, que servem para interiorizar ou, como se diz, tornar "imane" no homem a realidade ou o mundo em sua totalidade. Existir significa relacionar-se com o mundo, ou seja, com as coisas e com os outros homens, e como se trata de relações não-necessárias em suas várias modalidades, as situações em que elas se configuram só podem ser analisadas em termos de possibilidades.

Muitas são as correntes filosóficas existentes, mas nesse momento a atenção será dada ao existencialismo. Nele, ao homem é permitido a viabilidade de ser investigado independente dos pressupostos ou conclusões pré-existente, pois ele analisa o próprio homem nas situações vivenciais comuns a que ele se submete ou se encontra.

Nessa percepção, o homem ao viver tem a oportunidade de se relacionar com o mundo e com outros homens, tendo as mais variadas possibilidades de se perceber como ser integrante desse mundo e de sua existência.

Nessa perspectiva, a existência pode ser caracterizada num sentido amplo, de forma que o indivíduo, primeiramente, é um ser de “vida”, logo em seguida de existência, fazendo suas próprias transformações durante seu processo de ser vivente. Assim, continua construindo-se e reconstruindo-se de acordo com suas necessidades e, sobretudo, possibilidades.

É possível pensar que o homem, ao nascer, inicia um ciclo existencial possibilitando que sua essência seja definida pela existência numa lógica de conhecer a si e ao mundo, realizando suas experiências segundo o que suas vivências permitirão a ele construir. Nesse pensamento da definição da essência pela existência, Sciacca (1996, p. 299), diz que:

Não é a existência que se define pela essência, mas é a essência que é definida pela existência; e definida no sentido de que ela é o manifestar-se histórico da própria existência e, portanto, coincidente com os momentos transeuntes do seu devir.

Realmente, como diz ABBAGNANO, (1976, p. 45):

O existencialismo é assim caracterizado, em primeiro lugar, pelo facto de questionar o modo de ser do homem; e, dado que entende este modo de ser como um modo de ser no mundo, caracteriza-se em segundo lugar, pelo facto de questionar o próprio “mundo”, sem por isso pressupor o ser como já dado ou constituído. A análise da existência não será então o simples esclarecimento ou interpretação dos modos como o homem se relaciona com o mundo, nas suas possibilidades cognitivas, emotivas e práticas, mas também, e simultaneamente, o esclarecimento e a interpretação dos modos como o mundo se manifesta ao homem e determina ou condiciona as suas possibilidades. A relação homem-mundo constitui assim o tema único de toda a filosofia existencialista.

O existencialismo, ao versar sobre o modo de ser do homem, percebe esse homem em contínua construção e verifica que essa construção se dá a partir das possibilidades como o mundo se materializa sobre ele.

Ao viver e vivenciar o mundo, o homem se lança para fora do ser como ser-no-mundo. É relevante pensar em que forma a interferência do mundo o modifica, sendo oportunizado a ele esclarecer e entender seu relacionamento com esse mundo, favorecendo que se coloque diante da vida na construção (in) finita da sua

existência.

Podemos entender que o homem é o responsável por si e por suas ações na construção e afirmação da vida. Como ser que se constitui diariamente, de forma consciente ou inconsciente, sua trajetória se faz a partir de si na inserção no mundo em que habita. Na concepção de homem, Sartre (1970, p. 10 e 11) diz que ele,

(...)nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: esse é o primeiro princípio do existencialismo”, “...o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro.

Sendo o homem um ser de “existência”, ao projetar-se dessa forma, evidencia para si que as vivências futuras, que ele projeta, se dá no campo de possibilidades, isto é, no horizonte da liberdade.

Por conseguinte, a concepção dada a palavra “existência” vai notavelmente remeter o homem a um pensamento voltado para o mundo da vida. Existe a viabilidade de pensar a existência no aspecto filosófico, tendo o homem como cerne de averiguações do pensamento.

É possível salientar que na existência do homem é necessário haver uma estranheza dele, com ele e com o mundo, favorecendo, nesse sentido, sua busca constante de aprimoramento no seu modo de ser, construindo-se e desconstruindo-se paulatinamente ao gerar a estranheza e a desconfiança para conhecer mais profundamente a si. Nessa perspectiva, a existência remete o homem ao que ele é na possibilidade de ascender a si e se lançar para além de si, em uma visão autônoma de encontrar-se.

É perceptível que a filosofia da existência vai além do homem conhecer a si mesmo, prolongando-se no mundo e voltando para o homem. É um ciclo que se torna círculo, girando e se fazendo entre homem e mundo. Ao homem, é factível o reconhecimento de si. Tal ocorrência se dá em razão que o conhecimento apriorístico de si, implicaria a mesma essência anterior à existência.

A esse homem, é possível a definição ou não da vida no que se refere a sua constituição intelectual e emocional, concernindo a ela sua significação dentro dos valores que ele constitui como ser vivente no transcorrer da sua existência. Seria possível dar um significado à vida e à existência, mas cada ser em si carrega a capacidade de significar sua existência e por conseguinte, sua vida.

Numa percepção da vida como o mais breve e puro sopro que se pertence e se faz pertencer, é passível de entender ela como uma singularidade real que faz parte de cada indivíduo no complexo mundo em que habitam. A vida, neste sentido, precisa ser vivenciada em formato não ocasional, mas seguindo uma constância de intensa e frenética busca do que literalmente pode ser o “viver”, sendo esse viver o que engloba os seres humanos, e quem deve e pode definir esse viver existencial é cada um que o concebe.

Mesmo na tentativa de ser autônomo, ao homem é imposto culturalmente as travas da vivência da ignorância e da robotização. Todavia, é possível ser oportunizado a ele a livre forma do viver e do pensar, entendendo que essa forma de ser e pensar não existe como receita pronta. Assim, compreende-se que é construída no decorrer de cada dia, nas vivências e descobertas, nas mais singelas ações do homem ao viver, sendo permitida a ele a busca pela melhor forma de pensar e agir diante da expressão da existência, a vida.

A experiência e como ela pode acontecer tocando o sujeito, é o que dará seguimento as discussões pontuadas, e ainda podemos citar Larrosa (2018, p. 23) quando diz: “[...] não se escreve sobre a experiência, mas sim a partir dela”.

2.1 Experiência, algo que (nos) acontece

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos. Larrosa (2018, p. 10).

A experiência pode ser vista como ação de vivência interior que oportuniza os homens a experimentarem situações de suas vidas. Porém, nem todos conseguem exercer essa tentativa de viver, seja por medo ou repressão, por convicções, muitas vezes, impostas pela cultura da sociedade que ele faz parte e que dele faz parte. Muitos se absterem a abrir-se ao novo não conseguindo se libertar, porque os grilhões da alienação ainda fazem parte de sua história.

Experiência, insiste Larrosa, (2018), “... é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade”. Seguindo esse

pensamento, é possível perceber o homem como vivenciador de conhecimentos e experimentos cotidianos que podem resultar em experiência significativa para sua vida e para a construção de um novo olhar para e sobre o mundo, onde a vivência possa acontecer de forma verdadeira, sem medos nem culpas. Também, para que sua personalidade seja marcada com discernimento e consciência que viver e aprender são vias duplas na busca incessante do viver dentro da rogativa da experiência.

Existe a possibilidade de verificar, nos tempos atuais, que o homem vive e vivencia suas transformações morais, intelectuais, dialéticas, acertadas ou não, onde é direcionado a ele um tempo/momento que poderá fazer a transformação dentro do campo do conhecimento experiencial. Assim, é facultado a ele participar desse processo, que urge na atual sociedade na esfera do pensamento.

O ser humano em si necessita experimentar os fluxos de vivências, mas é preciso diminuir a velocidade em que as ações são realizadas, deve existir uma maior proximidade dos acontecimentos vividos com a própria vida. Nesse sentido, Larrosa, (2018, p. 24), pontua que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que ocorrem: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Desse modo, não existe como determinar a experiência, sendo ela plural, assim como não podemos dizer de uma só forma o que é vida. Abrem-se leques de questionamentos, visto que, o que determina algo ser diferente do que se pensa, abre as portas da mente para reflexões e para as ações. Assim, deve-se entender que cada experiência é única e irrepetível, pois acontece no domínio de cada pessoa.

Ao vivenciar a “experiência”, é notório o aprimoramento intelectual do homem, sendo percebido na forma como vai respondendo ao que vai acontecendo a ele ao longo da vida e no modo como ele dá sentido ao que acontece como sujeito em construção. Larrosa, (2018, p. 28), defende que:

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.

Quando se trata da experiência adquirida e internalizada do homem no decorrer de sua história, é possível pensar que sendo a experiência um território de passagem, pode se tornar uma passagem permanente em um território. Torna-se imprescindível concretizar essa passagem da experiência por qualquer lugar, no momento em que ela possa acontecer. É possível afirmar que toda experiência pode ser um movimento transitório; não obstante, seu aprendizado atravessa o sujeito, transformando-o.

Muitas coisas são apaixonantes na vida do homem. Então diante do que é apaixonante para ele, é imprescindível fazer com que essa “paixão” possa perdurar para que o momento da experiência torne-se tão apaixonante quanto qualquer outro momento da vida, e só pode acontecer pelo vivenciador da experiência, o sujeito.

Ao perceber a experiência como um saber que não deve ser separado da vida, mas nela representada, nota-se que ela não está colocada fora do sujeito, como conhecimento científico, mas seu sentido só se dá no momento em que se configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade. Assim, configura-se uma forma indulgente e condescendente de se está posicionado no mundo.

Na experiência como acontecimento da existência, o “saber” faz parte do mundo das ideias, significados e emoções, construído e constituído internamente pelo ser humano em decorrência de suas relações sociais, de suas vivências com seus pares.

É perceptível que existe uma visão de experiência como conhecimento adquirido por prática. Nota-se que os ensaios e as tentativas podem se tornar algo concreto no pensar da experiência, isso seria a experientiação do homem na vida e com a vida, mas a experiência vai muito além.

No que diz respeito ao homem, “suas experiências são sua vida, o que aconteceu a ele, o que ele viveu”, (Larrosa, 2018, p. 47). Nesse sentido, suas experiências quando abordadas num aspecto dentro do que o sujeito conheceu, ficam marcadas por ele e para ele, sua vida transcorre dentro de suas vivências pautadas naquilo que foi significativo para ele. Sua trajetória de vida pode ser

evidenciada através de suas vivências individuais e coletivas, sendo o meio social parte importante para tudo acontecer.

Dentro do contexto de ser que interage socialmente, o homem pode compreender que existe a subjetividade da vida, percebendo ser o sujeito que constrói a si e interage com o outro, podendo se tornar o homem da experiência. Seguiremos abordando como a modernidade vem afetando a vida das pessoas de uma forma avassaladora, não permitindo a elas serem tocadas pelas “experiências”.

2.2 Modernidade e experiência

...a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Larrosa, (2018, p. 22)

Ao falar do homem e suas experiências, é inegável dizer que ele faz parte de um contexto social onde, na modernidade automatizada, existe uma constância nos tempos atuais pela busca incessante por informações. Nesse sentido, acreditando o sujeito que assim será definido como um ser de experiência, é nesse sentido que se percebe um grande perigo: a pobreza da experiência acontece ou mesmo a antiexperiência³.

Poderíamos pensar na “modernidade” atual como um modismo, aqueles que vêm como uma avalanche devastando o que encontre à sua frente, não permitindo a esse sujeito construir suas experiências, em decorrência da velocidade que as coisas acontecem.

É inegável a percepção de que a modernidade tenda a ser um revestimento “protetor” no meio social, atravessando a vida dos indivíduos em um formato direto ou indireto. Pensando nesse momento como o que não favorece o tempo necessário às experiências, é necessário entender que é preciso um repensar sobre a vida e sua fugacidade.

A modernidade traz em si o excesso de informações, e todo excesso carrega uma falta, resultando assim num sujeito que além de ser “informado” ele opina, mas essas informações e opiniões podem ser fatais para ele, não deixando espaço para

³... a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a construir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. Larrosa, (2018, p. 18 e 19).

a experiência. Larrosa (2018, p. 22), aponta isso quando fala:

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impertinente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência.

Na vida cotidiana os homens desenvolvem diversas atividades, estão sempre ocupados com as tarefas pertinentes à sua vida de trabalho e pessoal, faltando tempo de fato para viver a experiência, sendo essa experiência; algo que os tocaria, modificaria, transformaria, se esse homem se permitisse viver essa “transformação”. Em decorrência disso, pelo excesso das tarefas diárias, tornam-se homens encharcados de informações, mas com menos experiências nas situações simples da vida. Podemos nos deter na observação feita por Larrosa (2018, p. 19), quando faz a afirmativa que:

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está mais bem informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça.

Parece existir a visão ilusória por muitos de nós que os sujeitos modernos, contemporâneos e da informação, são os sujeitos com experiência. Quanto mais informação ele possa ter ou absorver, mais frenética é a busca por ela.

Assim sendo, é perceptível de forma preocupante que essa constante e acelerada busca nem sempre lhe dá a visibilidade para perceber que esse gigantesco núcleo de informações, em que se alimenta diariamente, não o remete a ter experiência. Mas, torna-o apenas sujeito inundado de informação e carente da própria experiência, porque o que se passa com ele não o toca, não o transforma em detrimento do vasto aceleração em que as vivências são colocadas. Larrosa (2018, p. 22), insiste:

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre conhecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que

igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio.

Desse modo, a velocidade em que as informações ocorrem e alcançam a vida do sujeito, traz um impedimento da memória sobre os fatos, os acontecimentos, pois de modo sequenciado ocorre a cada momento uma informação nova. Assim, cada informação elimina a memória da anterior e, nesse esquecimento, a experiência não consegue acontecer.

A sociedade da informação funciona e é confundida com a sociedade do conhecimento, podendo remeter a um falso aprendizado sobre o mundo e sobre as coisas. O conhecimento precisa ser construído, mas nem sempre se dá através da informação. Portanto, aprender de fato não se deve apenas a aquisição e processamento de informações visual, textual ou científica, é algo que vai além, é algo que nem o conhecimento formal ou científico podem dar garantias efetivas, que o sujeito terá conhecimento e experiência.

Podemos ter a informação, mas não é possível afirmar que ela como conhecimento nos tocou. As informações são muitas e variadas, o conhecimento chega também, por meio delas, todavia nem sempre acontece a experiência. E sobre conhecimento Larrosa, (2018, p. 19), salienta que: “como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação”.

Arriscamo-nos falar que a modernidade pertinente ao momento atual, que “obriga”o sujeito a ser informado, polivalente, pode retratar a verdadeira estampa do mundo contemporâneo, fazendo esse sujeito esquecer que para pertencer a ele, mesmoprioritariamente, é necessário um desacelerar. Nesse aspecto, Mitrovitch (2011, p.42), pontua que:

(...) ao considerar a juventude como essência – e, conseguinte, essência também do conceito de formação -, a modernidade tem diante de si o desafio de encontrar um sentido não tanto para o conceito de juventude em si, porém para o próprio conceito de modernidade.

Se buscamos sentido para a vida não podemos só conceituar, mas entender o homem como fazedor da vida, da vivência, da experiência, e esse sentido pode não ser encontrado quando se procura apenas conceituar modernidade.

É necessário perceber a vida dentro dela mesma. A criança, jovem idoso, devem ser vistos prioritariamente à modernidade. Tempo hodierno que provoca

inovações do ser, tornando-os homens buscadores incessantes de informações e conhecimentos. Muitas vezes, esquecendo o seu verdadeiro sentido dentro desse turbilhão de informações de ideias distintas.

Ainda, é necessário refletir sobre os processos que formam o homem, sejam esses os que ocorrem de modo formal ou não, sendo ele inerente a tudo que acontece ao indivíduo e em sua vida. Ao adentrar no pensamento sobre a experiência sendo do passado, vista como um “peso morto” (Mitrovitch, 2011), é possível fazer uma reflexão que ela pode não ser definida dessa forma, mas ser referenciada para a vivência do presente e do futuro.

Não pensando em um tempo longínquo, mas atual, os homens emanam conceitos e pensamentos a partir da modernidade do que têm em si e para si. Mas sobretudo, deve ser apontado que nenhuma sociedade é feita somente pelo que virá de futuro nem o que foi de passado, precisa existir um balanceamento de ações e pensamentos, para que a atualidade consiga ser concretizada com sentido voltado para o ser que vive. Dessa forma, desenvolverá um entendimento que sua formação acontece também a partir daí.

Interagindo em um contexto social e cercado pela cultura, na vida cotidiana é possível dizer, é onde a experiência acontece.

2.3 Vivência cotidiana

A história do contemporâneo, chamada também de história do tempo presente, constitui um observatório notável para medir as dificuldades que surgem entre a interpretação e a busca da verdade na história. Ricœur, (2007, p. 350)

Toda a história da trajetória existencial do homem aponta que ele sempre viveu em comunidade. Essas comunidades foram fazendo parte da evolução social e científica, estando o homem sempre em contato direto ou indireto com seus pares na construção da evolução. Dessa forma da interação, surge diálogo pertencente ao homem até hoje. No decorrer dos séculos, essas comunidades adquiriram a linguagem e a transformou em diálogos. No entanto, com o passar do tempo e o aceleração das informações, os diálogos são transformados em breves falas pontuais.

Ainda no pensamento da evolução científica e intelectual, podemos discretamente adentrar no campo da “experiência”, percebendo a tentativa da

reinvenção da construção cultural passada através das gerações.

Nota-se que os momentos de diálogos e de prosa vivenciados outrora, que na atualidade são raros, os momentos de conversas existentes entre os homens estão sendo gradativamente esquecidas. A evolução científica e intelectual do homem trouxe em si um distanciamento dele para com ele e com o outro, e esse distanciamento se inicia no seio familiar e tem sua continuação fora dele.

Nessa tentativa de reinvenção da cultura, a banalização da vida fica visível. Existe uma gama de informações recebidas pelo homem, onde o processamento acontece transformando-se em um acúmulo de fatos, de informações que faz com que ele se encha, se encharque, se embeba de fatos. Enfim, são ações que, na realidade, não se tornam experiência pelo simples fato de passar fora dele e não “nele”, dentro dele, com ele.

Nesse momento vivenciado, onde as informações são demasiadamente expostas, existe um desconhecimento do homem com a experiência. Esse “desconhecimento” remete o homem a um momento no qual não se vive de fato, em que a vida passa de forma tão arbitrária que nem ele acredita que essa vida o forma, o transforma, o faz ser um ser de experiência.

Ao se observar esse âmbito do comportamento humano, pode ficar visível que o homem moderno vive tão somente de forma automática e rotineira. Essa rotina está sobrecarregada de tarefas que ele não consegue se desapropriar nem mesmo por um instante, um breve momento. E ainda pode transformar-se em algo pesado, um fardo na vida dele, favorecendo a uma domesticação automática.

Na realidade dentro dessa automaticidade não existe uma autonomia de fato. Os homens são induzidos a serem meros reprodutores do que lhes é ofertado pela tal “modernidade contemporânea”, como um produto de qualidade. São vistos ainda neste século, como uma pequena porção de argila que pode ser esculpida segundo e seguindo uma vontade que vai além da sua, ficando assim o excesso de informações, que quase nunca são favoráveis na pertinência de sua construção como sujeito. Sobre isso, Castoriadis (2004, p. 223), considera que,

No entanto, seria legítimo perguntar, do ponto de vista filosófico, o que aconteceria se esse indivíduo desse um outro “conteúdo” à sua autonomia; ou se ele verificasse que suas atividades não são assim tão inofensivas - por exemplo, por que são, direta ou indiretamente, poluentes ou destruidoras do ambiente. Mas sobretudo, aquilo que esse indivíduo “autônomo” faz nada tem, bem entendido, de individual, exceto em sua

localização material: é simples e puramente social, se isso é quase tão verdadeiro na sociedade contemporânea quanto o era na sociedade tradicional. Ele faz o que aprendeu e o que é induzido a fazer(...)

É necessário um repensar sobre o modo de vida contemporâneo que distancia o sujeito dele mesmo. Nesse formato de viver atual, o diálogo já não existe mais, as informações nas mídias fazem o papel de pais e mães, os filhos estão órfãos de pais vivos ausentes dentro no contexto familiar. Assim é urgente uma mudança de pensamento e atitude, pois dessa forma o avanço moderno e tecnológico se torna retrocesso.

Esse repensar é inevitável para que os homens possam viver com uma qualidade, que no momento atual não é percebível. O padrão de vida vigente exige do homem a corrida desenfreada pelo trabalho, cada vez mais e mais, com um pensamento de sobrevivência (saliento que é necessário o trabalho, mas de forma comedida). Assim, essa corrida acelerada torna o homem escravo dele mesmo e do outro, onde é negado a ele, quase de forma invisível, a vivência em comunhão.

E, podemos dizer desse homem moderno, de acordo com Giorgio Agamben (*apud* LARROSA, 2018, p. 53), que ele,

...volta à noite para sua casa extenuado por uma imensidade de acontecimentos – divertidos ou tediosos, insólitos ou comuns, atroz ou prazerosos – sem que nenhum deles se tenha convertido em experiência.

Esse homem cheio de informações, no retorno ao seu lar, pode não ter em si a experiência que os acontecimentos cotidianos poderiam o ter tocado. O homem torna-se conjugado com as diversas tarefas diárias. No entanto, nenhuma delas surge com sentido ou relevância para ele, no que o torna o ser da experiência.

Que o repensar da vida possa acontecer a cada dia, nos mais diversos espaços de vivências em comum, propondo para os adultos (subtendido que são os “pensantes”) darem-se conta da responsabilidade que têm como homens dotados de um pensamento e inteligência emocional. Dessarte, sejam capazes de ultrapassar barreiras, já que são os agentes modificadores dessa realidade que, momentaneamente, faz com que eles se dividam em mundos dentro de seus próprios mundos, dentro de si mesmos.

Uma vida não merece ser vivida apenas como parte da existência. Ela é mais e traz muito mais em si, contempla o ápice do estágio do homem com ele mesmo.

Nesse sentido, Larrosa (2018, p. 48), considera que,

Uma vida em vão é uma vida sem sentido e sem valor, nem para si nem para os outros, o sentido e o valor não são os mesmo que utilidade, uma vida em vão não é o mesmo que uma vida inútil visto que uma vida pode ser futilmente útil.

Nenhuma vida deve ser caracterizada como inútil ou sem sentido. Ela tem seu pertencimento a alguém e pode ser vivida de forma que a pensada “inutilidade” seja uma passagem de um momento vivido. E ainda, mesmo que possa ser vista como inútil, ser útil a alguém ou a alguma coisa. Se faz necessário um repensar antes de rotular ou estereotipar uma vivência na ânsia de querer introduzir conceitos do que é ser um ser de utilidade ou não.

Os desafios estão postos a prova a todo momento no que se refere ao conhecimento de nós mesmos. Para Josso (2012, p. 22), o que representa um desafio,

(...) neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade.

A formação pessoal emocional do homem pode acontecer a partir de um conjunto de experiências construídas ao longo da vida. Articulado de forma consciente ou não, todo o contexto de atividades relacionadas a sua vivência dá abertura para sua liberdade e autonomia. Assim sendo, não favorece a inércia como referência à vida ou para a vida, sendo esse movimentar-se a centralização maior como foco de viver a experiência.

Vamos dar seguimento na tentativa de narrar as memórias do homem que se constrói a cada dia com suas vivências e experiências.

2.4 Narrar o eu, rememorar um recorte da realidade

O modo de presença do indivíduo no mundo social resulta de uma experiência no tempo: o indivíduo vive o espaço social como uma sucessão temporal de situações e de acontecimentos. Momberg (2016, p. 137).

Sendo o homem o ser de vida e de existência, narrar suas histórias e trajetórias o leva a pensar em si e falar sobre si. Possivelmente, irá remeter a ele uma narração autobiográfica, na qual retrata para si e para os outros, os sentimentos que têm enquanto falante de uma situação, em um dado momento, quando lhe é oportunizado o expressar. Na visão de Souza⁴ (2015, p. 120), “a arte de narrar está inscrita na subjetividade e está envolvida com as dimensões espaciais/momento dos sujeitos, quando narram suas experiências”, (tradução nossa)⁵.

Ao pensar em narrar suas memórias, cada sujeito rememora momentos e fatos de sua história e da história de quem compartilha de sua vida, com um sentimento experienciado. Nesse sentido, será possível perceber as vivências compartilhadas, pois sendo o homem um ser social, suas histórias de vida se entrelaçam em outras vidas historiadas por ele.

Seguindo do pensamento do homem reviver suas memórias e pensando em suas experiências, possibilitando a análise dele como ser de relação, Jovchelovitch (2002, p. 71), comenta “embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultados de processos sociais”. Assim, é possível perceber que os homens, ao narrarem suas memórias, demonstram que todo o processo social o qual está inserido se faz na vivência da coletividade.

O homem, ao pensar em si como um “eu” que existe, e entender que sua existência se dá de forma coletiva, pode perceber que nesse sentido ele existe pois o outro existe, o eu existe nele, mas se prolonga dele para o outro, tornando-se uma extensão dele para o outro.

Seguindo o curso de um pensamento ligado ao homem, é notável que ele, ao está inserido na sociedade moderna alcançou um enorme e intenso grau de

⁴ARANGO, Gabriel Jaime Murillo. **Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria** / Gabriel Jaime Murillo Arango; compilado por Gabriel Jaime Murillo Arango. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015.

⁵El arte de narrar se inscribe en la subjetividad y se implica con las dimensiones espacio- temporales de los sujetos cuando narran sus experiencias.

individualização e que tem à sua frente uma linha que o divide entre o que é tradicionalmente e culturalmente traçado para ele e o sentimento de liberdade, de autonomia. Fica então, ele na linha invisível para suas escolhas, sendo a adversidade entre as duas situações sua opção.

Ao retratar sobre o homem, suas histórias e consequentemente suas memórias, podemos pensar sobre o que Ricoeur (2007, p. 40), afirma quando fala que: “se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar”.

Essa memória como recurso pode ser divisor de águas. De um lado a confiança que ela traz à tona as lembranças vividas durante a vida, de outro a confiabilidade nela pode ser abalada, mas ela ainda é o que se tem de concreto para as recordações das experiências vividas.

Ainda sobre memória, Ricoeur (2007, p. 40), comenta: “para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarassémos nos lembrar dela”.

Nesse sentido, é entendível que ela se faz lembrar a todo momento o quanto a significação ou não dos acontecimentos tem sentido para cada um, mesmo sem a palavra expressada. As memórias tende a deixar vívido como se pode viver entre elas, que trazem lembranças à tona. Dessa forma, mostram experiências que fazem com que os homens sejam capazes de discenir sobre o significado real das verdades, das inverdades, das culpas, das desculpas, do certo, do errado. Assim, nessa memória sobre consciência individual, Momberger (2016, p. 138), salienta que:

Na consciência individual, os fatos sociais que determinam as situações, as interações, as trajetórias, tudo o que faz com que a vida de um indivíduo seja atravessada completamente pelo social resulta da lógica das experiências acumuladas e da forma própria que essas experiências imprimem ao sentimento de si próprio e de sua existência.

A memória faz parte da consciência de cada sujeito, trazendo a ele o que pode expressar de sua trajetória de vida. Sendo ela parte de um contexto social onde sua vida se situa penetrada por experiências próprias dada ao contexto de existência, podendo ser de fato ele atravessado pela experiência ou passando por ela sem sentir vestígio algum. Nesse sentido, Momberger (2016, p. 139), ressalta

que,

Todas essas manifestações de si, implícitas ou explícitas, conscientes ou inconscientes, participam do sentimento unitário e integrado que temos de nós mesmos (ipséité) em relação com a uniformidade de nossa existência através do tempo, e contribuem para forjar o que Ricœur chama de nossa “identidade narrativa”, ou seja, esta imagem que construímos de nós mesmos pela mediação narrativa, incorporada em um estilo, uma maneira de ser, um modo de aparência.

Quando o homem narra sobre si, sua vida, suas histórias, ele é partícipe do sentimento que tem dele e sobre ele. Então, externa o que passa em sua vida no decorrer do tempo, onde ele constrói uma imagem de si e se constitui, mediante as falas narradas ou silenciadas, demonstrando o que se torna no processo de constituição de si, em uma alternância de processos que o formam e o transformam.

Essas narrativas em geral são constituídas de falas, falas essas que mesmo quando não dizem uma só palavra, traduzem o ser no mundo e para o mundo enquanto ser de existência. Sobre isso, Heidegger (2005, p. 16), destaca que,

Os homens falam para responder e são para falar. Quando terminam de falar deixam de ser. Pois um laço extraordinário entrelaça morte e sentido no tecido da existência humana: vigor silencioso de uma mesma essência, presença serena no mesmo nada criativo. O homem é o ser que fala mesmo quando não fala e cala, recolhendo-se no silêncio do sentido, assim como é o ser que morre, mesmo quando não morre e vive, recolhendo-se a temporalidade da existência. [...] A fala só fala para e por calar. A palavra essencial, sendo a essência da palavra no tempo das realizações, é apenas silêncio. [...] E não se trata de um nada negativo, nem nada que se esvai e contenta em negar tudo sem negar a si mesmo em sua negação. Trata-se de um nada criativo, um nada que deixa tudo originar-se: a terra, o mundo, a história, os homens, com todas as negações e afirmações. É um nada que constitui a estrutura ser-no-mundo.

Cabe ao homem ser o ser que é enquanto fala e, sobretudo, quando cala, iniciando a cada momento um novo ciclo, uma nova história a partir do ponto de partida e de chegada. Sempre que desejar se afirmar enquanto relator de sua história, iniciando uma nova vida, nova aprendizagem ou nova experiência.

Num pensamento de formação, daremos continuidade com abordagem sobre a escola, campo fértil de aquisição de conhecimentos e vivência de momentos experienciais.

3 O CHÃO DA ESCOLA, UM LUGAR DE FALA, UM LUGAR QUE FALA

Ao experimentar o mundo, o ser humano constrói noções sobre o cotidiano, a cultura, a filosofia e a vida que o deslocam da condição inerte, do momento experienciado, para o desejo de plenitude sobre si mesmo e sobre o mundo. Caetano (2015, p. 12).

Não há como pensar em escola sem pensar que é um lugar de fala, sem pensar que é locus de experiencição do mundo num sentido amplo, no tempo/espço das relações e processos educacionais. Dessa forma, a experiencição de viver no mundo é o que, de fato, colabora para a formação e construção do homem como ser desejante de vida.

Mesmo diante dos acontecimentos que cercam o mundo e a vida no século XXI, ainda é possível perceber a escola como o lugar onde os sujeitos estão apenas para aquisição de conhecimentos formais, técnicos e científicos.

Entretanto, é preciso a certificação se o que esses sujeitos trazem consigo das aprendizagens adquiridas no decorrer de sua trajetória de vida, conhecimentos que possam ser relevantes dentro e fora do ambiente escolar. Também, se estão sendo vistos pelas pessoas que formam o contexto educativo, de forma que se efetive a construção de saberes úteis à vida. Pensar à escola, é possível ser visto de acordo com o que Larrosa (2018, p. 268), diz,

A escola seria sim, o lugar onde algo (mau) do mundo fica fora, mas não para muda-lo, e sim para que alguma coisa dele se possa abrir, publicar, cuidar, criticar e também contemplar e admirar. A escola seria o lugar para estudar o mundo, para convertê-lo em matéria de estudo, para que se possa falar dele e pensar sobre ele.

A experiência que o estudante traz para o espaço educativo tem um importante papel no contexto físico e humano da escola, pois ajuda a favorecer seu deslocamento na condição de inércia para a de movimento, onde repensar o mundo e as pessoas seja possível na sua construção de história. Podemos perceber essa formação do homem, mediante o repensar do mundo, quando Momberger e Cardona⁶, (2015, p. 59), falam que, “o que dá forma a vivência e a experiência do

⁶ Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015.

homem, são as histórias que ele mesmo realiza” (tradução nossa)⁷.

Pensar no chão da escola é pensar em um lugar que tem vida, que pede vida e que precisa viver essa vida. A escola não se resume apenas a um espaço físico e humano, sendo esse humano possivelmente constituído de dois tipos de pessoas, as que são graduados (professores/as) e as que ainda irão aprender os conhecimentos que serão mediados nos frios bancos lá existentes.

É notável que a escola é bem mais que isso. Ela é o lugar de passagem e que recebe sujeitos advindos dos mais variados lugares e, assim, precisa dar significado e sentido as vidas ali vividas, porque nela, inegavelmente, acontece grande parte da vida. Podemos perceber claramente todo esse contexto no poema de Paulo Freire,

A Escola é⁸

... o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros, Programas, horários, conceitos...

Escola é sobretudo, gente. Gente que trabalha, que estuda

Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,

O coordenador é gente, O professor é gente,

O aluno é gente,

Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor

Na medida em que cada um se comporte Como colega, amigo, irmão.

Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados” Nada de conviver com as pessoas e depois, Descobrir que não tem amizade a ninguém.

Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem, É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...

Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer, Fazer amigos, educar-se, ser feliz.

É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

A escola traduz ainda a educação formal e pode ser percebida sob alguns pontos de vista como ciência, técnica, política, etc. Nos tempos atuais, é necessário verificar o que de fato se aplica ao cotidiano deste lugar de passagem, das

⁷Lo que da forma a la vivencia y a la experiencia del hombre, son los relatos que él mismo realiza. ARANGO, Gabriel Jaime Murillo. **Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria** / Gabriel Jaime Murillo Arango; compilado por Gabriel Jaime Murillo Arango. - 1a ed. -

⁸Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/08/poesia-escola-paulo-freire-com.html>

realidades vivenciadas de forma tão diferentes, singulares, plurais, particulares e coletivas.

Ainda vivemos diante de uma sociedade de reprodução de pensamentos e conceitos pré-definidos e não experienciados, e a escola por vezes, não possibilita aos estudantes um diálogo sobre a vida.

Nesse sentido, a falta de subjetividade nas experiências vivenciadas pelos estudantes dificulta um filosofar sobre sua acontecência, enquanto ser de pensamento que se caracteriza desde o nascimento até a morte.

É possível fazer uma representação da vivência atual dos estudantes nos espaços educativos através da personagem Alice, de Alice no País das Maravilhas, especificamente na cena em que ela caminha e seu caminho vai se formando conforme ela anda. Cada passo que ela dá apaga o que já ficou e o que está por vir, permanecendo somente o que está presente, deixando Alice sempre sem sair do lugar, ficando ela sempre em um ponto de partida e no mesmo momento em um ponto de chegada (Mitrovitch, 2011, p. 55 e 56).

Não comungamos com uma educação onde os estudantes sejam vistos somente como meros reprodutores. É preciso um olhar mais aguçado para esse estudante, possibilitando meios para que ele possa trazer para a escola suas vivências e essas sejam valorizadas dentro de suas peculiaridades. Que ele consiga viver o presente e projetar o futuro com determinação, convicção e autonomia.

Ao falar do sujeito e do que pode estar presente em suas vivências e, tratandodo que ele já traz em si com suas experiências e o que ele aprende de novo fazendo novas experiências, pode ser verificado sua construção como ser partícipe de uma sociedade em constante mudança. Então, faz-se necessário proporcionar a ele espaço para se construir, desconstruir e reconstruir.

É preciso um olhar mais atento perante o aprendiz que faz parte desse espaço chamado escola. Precisa ser permitido a ele perceber a si mesmo e, posteriormente, perceber o mundo. Para que aconteça essa proeza da percepção, é necessário haver a dialogação dos acontecimentos pertinentes à importância desse indivíduo como e enquanto aprendiz.

O diálogo, deve ser algo primordial em uma escola, pode acontecer por meio da fala dos estudantes e reconhecido em seu sentido mais amplo, buscando entendimento e interpretação de um pensamento, uma lembrança ou de uma experiência. Nesse pensamento, Bergson (2007, p. 124), aponta que,

Ouvir a palavra falada, com efeito, é primeiramente reconhecer seu som, em seguida identificar seu sentido, e finalmente buscar, mais ou menos longe, sua interpretação: em suma, é passar por todos os graus da atenção e exercer várias capacidades sucessivas da memória.

Para haver o diálogo, a fala tem uma importância fundamental na convivência entre os homens. Larrosa defende que nós não pensamos por ideias mas por palavras. Assim podemos entender o quanto o estudante precisa ser ouvido e oportunizado dentro do espaço educativo. É preciso o ouvir e ele se fazer ouvir, falar e se fazer escutar para que esse “pensar” por palavras tenha significado construído para ele.

Se o pensar com palavras traz sentido aos homens, esse mesmo sentido pode ser evidenciado como experiência. Ainda segundo Larrosa (2018, p. 113), “a palavra se encarna, seu destino é encarnar-se”, Dessa forma, quanto mais oportunidade o estudante tiver de se expressar, mais o que ele falar será encarnado, internalizado pelos ouvintes dessa palavra.

Quanto a experiência no espaço educativo, sabemos que os conhecimentos ali adquiridos dão significado à vida. Assim, nesse campo fecundo de conhecimentos que é a escola, Dewey (apud WESTBROOK e TEIXEIRA, 2010, p. 37), considera que,

A experiência alarga, deste modo, os conhecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida. E é nisso que consiste a educação. Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem.

A escola precisa favorecer o crescimento do estudante nos mais diversos aspectos, alargando seus horizontes e favorecendo a ele uma visão mais ampla do mundo, permitindo vivenciar de forma mais assertiva todos os acontecimentos ali apresentados, sendo a escola o lugar pensado e favorável para que isso aconteça.

Ao identificar a escola como lugar de construção de experiência, percebe-se que ela não pode continuar fazendo imposições e adestrar sujeitos, não deve ser rígida, mas flexível. É notório que deve seguir a legislação vigente, no que diz respeito às normas educativas, mas precisa ter abertura para uma reflexão libertadora e de autonomia. Também, é imprescindível que tenha a flexibilidade

necessária para essa efetivação, não fazendo esquecendo do seu real papel, pois segundo Silva (2020, p. 59 e 60),

(...) a escola em sua conjuntura atual tem servido como instituição disciplinar dos corpos, esquecendo o que seria seu papel primordial na sociedade, negando ou banalizando as experiências advindas dos acontecimentos.

A educação no ambiente escolar pode ser o campo de divulgação das ideias emancipadoras do homem em que sua autonomia poderá ser exercida, abrindo leque de experiências vivenciais de fato. Nota-se isso quando Dewey (1959a), citado por Carlesso (2008, p. 72), aponte que,

O termo experiência pode interpretar-se seja como referência à atitude empírica, seja como referência à atitude experimental. A experiência não é coisa rígida e fechada; é viva e, portanto, cresce. Quando dominada pelo passado, pelo costume, pela rotina, opõe, freqüentemente, ao que é razoável, ao que é pensado. A experiência inclui, porém, ainda a reflexão, que nos liberta da influência cerceante dos sentidos, dos apetites da tradição. Assim, torna-se capaz de acolher e assimilar tudo o que o pensamento mais exato e penetrante descobre. De fato, a tarefa da educação poderia ser definida como emancipação e alargamento da experiência. A educação toma o indivíduo enquanto relativamente plástico, antes que experiências isoladas o tenham cristalizado a ponto de torná-lo irremediavelmente empírico em seus hábitos mentais.

Pensando em escola como facilitadora das vivências cotidianas dos agentes da experiência, é possível verificar que muitos estudantes são brutalmente afetados por ela de forma desfavorável. E isso pode provocar no estudante uma descontinuidade dessa experiência, caracterizando uma barreira e ele sinta-se incapaz de experienciar conhecimentos novos, ricos e pertinentes a si como ser que vive e precisa da continuidade das experiências sendo elas impactantes ou não.

É possível perceber algumas escolas como local que reprime, deprime e desacelera o crescimento intelectual, que poderia ser idealizado como o ápice do conhecimento, das experiências líquidas que escore cotidianamente no chão da escola, que a enriquece e acrescenta brio a esse local. Mas ainda em uma visão medíocre, pequena e resumida, o estudante é visto como o objeto que não necessita se reconhecer e se fazer reconhecer. Assim, apenas é percebido como depósito de conteúdos pensados por eles e para eles, quase sempre sem grande efeito.

A escola tem potencial para oportunizar a vivência de fato dos estudantes que lá estão. Pois para que a vida aconteça não existe uma preparação prévia, ela surge

quando o homem inicia seu pertencimento a esse mundo e acontece independentemente de qualquer vontade.

Sendo a escola espaço propício para uma vivência significativa, não podemos pensar em nos preparar para viver. Estamos constantemente vivendo e aprendendo a viver de forma concomitante. Da mesma forma, não se pode pensar em educação como algo pontual que só acontece na escola, ela vai também além dos seus muros. Por isso, Dewey (*apud* WESTBROOK e TEIXEIRA, 2010, p.38), aponta que,

Enquanto vivo, eu não estou, agora, preparando-me para viver e, daqui a pouco, vivendo. Do mesmo modo, eu não estou em um momento preparando para educar-me e, em outro, obtendo o resultado dessa educação. Eu me educo por intermédio de minhas experiências vividas inteligentemente. Existe, sem dúvida, certo decurso de tempo em cada experiência, mas assim as primeiras fases como as últimas do processo educativo têm todas igual importância e todas colaboram para que eu me instrua e me eduque – instrução e educação que não são os resultados externos da experiência, mas a própria experiência reconstruída e reorganizada mentalmente no curso de sua elaboração.

É engano acreditar que o pensar ocorre ao homem de forma fatiada e que a sua “educação” é resultado apenas do conhecimento formal adquirido ou introduzido nele ao longo do seu caminhar escolar. A educação é também a projeção de tudo que acontece por intermédio das experiências vividas, construídas, organizadas e reorganizadas durante todo o percurso de seu caminhar, seja ela no contexto da escola ou fora dela. Assim, forma-se o sujeito da história.

Esse homem é um ser pertencente a uma cultura, ele se constrói a partir dela e a escola faz parte desse contexto. No documento *Investigación Educativa* (2001, p. 41), percebemos que,

Para se ter uma ideia das características da cultura em nossos dias, precisamos, talvez agora ainda mais justificado, adotar a concepção ampla desse termo. O conceito de cultura inclui, a partir desse sentido amplo, aqueles conhecimentos proposicionalmente organizados sobre realidade, além daqueles que representam maneiras de fazer as coisas, esquemas de procedimentos, tecnologias em suma, para intervenção no mundo, sociedade e sujeitos (tradução nossa)⁹.

⁹Para hacerse una idea aproximada de las características de la cultura en nuestro tiempo, necesitamos, quizás ahora todavía con mayor justificación, adoptar una concepción amplia de este término. El concepto de cultura incluye, desde esa acepción amplia, aquellos conocimientos organizados proposicionalmente sobre la realidad, además de los que representan formas de hacer, esquemas de procedimientos, tecnologías en definitiva, para la intervención sobre el mundo, la sociedad y los sujetos”. *Investigación Educativa*. NTA DE EXTREMADURA Consejería de Educación, Ciencia y Tecnología Dirección General de Ordenación, Renovación y Centros Mérida, 2001.

A cultura vista no âmbito de sociedade a que estamos pontualmente ligados, pensada em sentido mais amplo, não pode se deter a cogitar a realidade organizada e sistematizada para “adestrar” os sujeitos. Ela precisa ir além disso, precisa ser uma cultura/sociedade que permita o homem ser o que pretenda ser.

A escola inserida nesse contexto sociocultural pode acompanhar o que o estudante busca, a sua sede de mundo e de conhecimentos ligados à vida e ao mundo nesse imenso e complexo meio.

Pensando em educação, é possível dizer que ela acontece no mundo e para o mundo, ela acontece de dentro para fora e de fora para dentro, uma trama de fundamentos formais e informais ligados à vida em um contexto amplo de mundo. Por isso, é grande relevância da vivência mesmo com seus percalços, para a construção sólida e autônoma de ser como ser.

A escola em si é um mundo e é através desse mundo que o estudante pode narrar suas experiências. Ao falarem sobre sua história de vida no espaço escolar, estarão deixando um pouco de si e levando um pouco do outro. Essa fala de si pode acontecer na sala de aula, por ser campo fértil para que diálogos aconteçam. Surgindo as narrativas dos estudantes, as suas experiências serão expressadas, pois segundo Larrosa (2018, p. 336), na sala de aula é,

... preciso que tanto os textos quanto os modos de leitura tenham alguma relação com a verdade, seja ela qual for, seja uma verdade que se busca, seja uma verdade que se transmite, seja uma verdade mais sensível: uma espécie de sentimento de verdade que tem a ver com algo assim como a alegria do descobrimento, a alegria de ver claro ou de ver outras coisas, ou a alegria de começar a pensar o que nunca se havia pensado, ou a alegria de sentir-se capaz, como qualquer outro, de ler, de escrever e de pensar.

Nessa relação com a verdade que deve ser mediada nos espaços em comum com os estudantes, é preciso ter sentido para que eles construam significados, sendo formadas com isso também sua história e suas relações interpessoais. Esse contato dialógico com o outro e com a verdade é necessário, para que as histórias de vida retratadas por eles possam ser vistas como verdades para eles e para quem as escuta.

Se as verdades de um pode ser a mentira de outro, pouco importa, o que tem importância nesse momento é a clareza que cada um deve ter ao falar sobre si, sobre seus sentimentos e sobre seus anseios.

Definir suas histórias de vida como sua verdade, sua visão do que até então

foi vivenciado por ele, é o que a mediação dessas narrativas deve ter como foco, dando ênfase ao que os estudantes, ao definirem como suas verdades, possam ser vistos como importantes no processo de construção dele e do outro.

Sobre o que acontece na sala de aula Larrosa (2018, p. 336) enfatiza que,

Na sala de aula não está a verdade mas deve haver uma relação com a verdade. É preciso ler, escrever, conversar e pensar “de verdade”: sempre se trata de verificar alguma coisa. (...) saberemos que, enquanto estávamos aí, alguma coisa foi pensada e, de alguma maneira, embora não seja verdade, se tornou verdadeira.

Se nesse momento é preciso uma leitura e uma escrita, uma fala e uma conversa, uma verdade contada na visão de seu relator, é necessário entender que as construções acontecem mediante os fatos, sejam eles vividos no cotidiano escolar ou fora dele. Pouco tem importância onde essa vivência aconteça, o que de fato importa é a necessidade de que o estudante seja ouvido dentro de “sua verdade”.

O mais relevante é o que pode ser disponibilizado para ele, com significado real para seu crescimento intelectual e vivencial, em qualquer espaço que ele possa estar. Assim, embora o fato se constitua como espaço pertinente para que o conhecimento se faça, é importante compreender que ele, sozinho, não forma significado. Larrosa (2018, p. 337), insiste que,

Talvez seja certo que o espírito sopra onde quer e quando quer, que a verdade, seja ela qual for, não tem abrigo, nem teto de lugar privilegiado, mas tal como estão as coisas não é demais cuidar de alguns lugares especiais e de algumas disposições especiais para facilitar a sua tarefa.

Que dentro do espaço onde esse estudante se encontra seja oportunizado a fala sobre ele e suas experiências, que não seja simplesmente direcionado um conhecimento condicionado sem grandes mudanças nele e, principalmente partindo dele. Suas vivências, nesse contexto, são tão importantes quanto suas aspirações em relação ao lugar que ainda não chegou.

Diante desse lugar tão importante na vida do sujeito, como é a escola, podemos perceber que ele se faz e se constrói a partir de diversos fatores, dentre eles a fala, sendo ela verbalizada ou não. Quando nos reportamos a fala, pretendemos destacar que para essa fala acontecer o sujeito precisa ter

conhecimento do que vai expor, podendo ser fatos do cotidiano ou das diversas áreas do conhecimento pertencentes a sua trajetória de vida.

É necessário pensar o sujeito como ser de vivência dentro e fora do espaço escolar. A oportunização da fala precisa, necessariamente, iniciar no âmbito familiar e, por conseguinte, ter sua continuação no ambiente escolar e social.

Ao sujeito que é oportunizado o direito a expressão de si, de seus sentimentos, pensamentos e experiências, poderá ser um sujeito propenso ao filosofar, ao tratar de si, do outro, do mundo numa visão e percepção propriamente sua.

Como podemos perceber, não é possível, nos tempos atuais, o pensamento de que a experiência do sujeito seja algo inferior. Ela precisa ser pensada como algo a viabilizar a mudança de postura de mundo e ruptura de padrões enraizados no meio social. Ainda hoje, o sujeito é condicionado a viver na forma de “cabresto”, onde tem que seguir todas as imposições que vem de cima para baixo, não fazendo prevalecer sua vontade. É preciso reverter esse quadro, e um grande passo para isso pode iniciar na escola.

Ao sujeito que se constrói, a dignificação experiência relatada através da fala é parte fundamental para sua efetivação de ser que vive e opina. Parece inaceitável a privação de pensamentos e expressões retratadas na experiência, nos diversos campos vivenciais que o sujeito permeia. A dignificação da “*experiência*” é urgente e necessária. Larrosa (2018, p. 40), aponta que,

... dignificar a experiência, reivindicar a experiência, e isso supõe dignificar e reinventar tudo aquilo que tanto a filosofia como a ciência tradicionalmente menosprezam e rechaçam: a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida...

Através da fala, o sujeito também se constrói, percebendo que o que é implantado a nossa vida, de certa forma, começa a fazer parte dela. A ele deve ser dada a chance de elaborar suas próprias experiências dando ele o sentido a essas vivências e podendo passa-las adiante. Larrosa (2018, p. 51), ainda defende,

... se as experiências não são elaboradas, se não adquirem um sentido, seja ele qual for, com relação a própria vida, não podem se chamar, estritamente, experiências ...portanto, não podem ser transmitidas.

Podemos pensar a partir de então que, se as experiências que são plurais não forem pensadas e centradas a partir do sujeito, ocorrerá a fragmentação e esfacelamento no ato de apropriar-se dela e no momento de transmiti-la.

No capítulo a seguir, trataremos da escrita da vida, e que essa escrita acontece a partir de cada pessoa individualmente.

4 A ESCRITA DA VIDA: UMA CONSTRUÇÃO (IN) CONCLUSIVA

... para começar, uma vida que atravessa o século, que padece de história do século, e que se pergunta se suas experiências servem de algo ou se viveu sua vida em vão. Se suas experiências não servem de nada, então terá vivido sua vida em vão. Suas experiências são sua vida, o que aconteceu a ele, o que ele viveu. Larrosa, (2018, p. 47)

Ao pensar em uma construção de escrita da vida, é possível entender que seu início se dá desde o nascimento do homem, pois a partir daí ele já está construindo história.

No mundo em que habitamos, falar em construção da escrita da vida se torna dualidade. De um lado a história, que fazemos ao longo de nossa vivência, do outro o frenesi e a aceleração da vida. Mesmo assim, parece que existe um anseio do homem no que se refere ao pensar e repensar o mundo, sendo possível ver por uma nova ótica, um novo olhar com significado real. A experiência do sujeito dentro da historicidade se reflete a partir de um lugar e como ele se encontra em seu processo de construção de história.

A escrita da vida pode acontecer a qualquer instante, na manhã que se tece seguindo os primeiros raios de sol, na fina chuva que banha com suavidade as superfícies que toca, na noite que caí com sua imensa escuridão, essa escrita adentra em cada um à sua maneira, no seu tempo e no seu espaço.

Nesse acontecimento de escrita da vida, é preciso que as coisas se passem no sujeito, sobre isso Larrosa, (2018, p. 24), diz que: “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”, assim para a experiência passar, tocar, chegar ao sujeito construindo sua história, é preciso que ele se permita a esse acontecimento.

É pertinente dizer que a escrita da vida é singular e inerente a cada homem. Cabe a ele um repensar sobre si, desconstruindo-se dentro da sua própria construção, dentro do que foi aprendido ao longo de sua trajetória. Só ele pode ter um novo olhar sobre si e suas experiências.

Que a experiência afete o homem de forma que ele se sinta realmente tocado por ela. Que sua construção histórica tenha significado para ele na medida que suas experiências forem realmente sentidas. Assim, parece necessário uma reflexão mais

clara sobre a vida, ficando evidente a importância sobre transformar as entrelinhas que podemos escrever sobre ela.

A habilidade da transformação da vida está em cada indivíduo, encarnada nele, não pertencente a outra pessoa, mas a ele mesmo, e o saber resultante dessa façanha é algo que não se separa dele. Para esse processo ser possível se manifestar, o pensar e o falar são pontos fundamentais como meio de transformação, mediante os fatos e resultando nas experiências. Na escrita da vida, a experiência é algo individual, singular, pertence somente ao próprio sujeito da experiência.

Dentro de uma perspectiva que, mesmo que os homens passem pela mesma experiência, cada um vivencia e interpreta de forma particular e diferenciada, fica visível que mesmo o fato sendo comum aos sujeitos, suas particularidades individuais é que ditarão sua forma de experienciar o acontecimento. De forma que, havendo a mesma repetição do fato, pode ser que a experiencição igualitária jamais seja repetida. Em se tratando disso de Larrosa (2018, p. 32), diz que,

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.

O homem, como ou quando ser humanizado, vive sua experiência de forma particular. Por isso, falamos em escrita da vida como a leitura experimentada pelo sujeito para além de registros cotidianos de fatos. É uma escrita de si.

Podemos pensar que o processo reflexivo sobre a vida acontece simultâneo à própria vida. Os homens que são seres racionais, singulares ao mesmo tempo plurais estão sempre em constante mutação.

No decorrer de sua vida, ele se permite utilizar as mais variadas formas de expressão, nas quais evidencia uma forma de viajar em um tempo (passado, presente ou futuro), contruindo assim um caminho onde há vários outros caminhos a trilhar. Ele poderá fazer suas escolhas para seguir um pensamento que lhe assegure ser quem realmente é. Porque nos incertos caminhos que ainda pode percorrer, pode ser que encontre ou vivencie o que de verdade procura, mesmo que essa procura seja de forma inconsciente, ou se depare com situações que nem ele mesmo havia pensado em encontrar. Por certo, na incerteza da vida a única certeza

é a própria vida, é o próprio caminhar.

Não podemos ousar definir a experiência do outro como algo pontual, que aconteceu até certo momento. Ela se constói na medida em que se vive, e as vivências relatadas pelos homens com suas experiências transformam essa experiência em uma nova “experiência”.

A escrita da vida se dá a partir de cada um. A experiência do outro pertence tão somente ao outro. O texto *Experiência e Pobreza*, Benjamin (1987, p.114 e 115), em determinado fragmento, mostra a volta dos combatentes da guerra, “na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltados silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis...”.

Nesse fragmento do texto, existe uma experiência inevitavelmente invisível aos olhos daqueles que não passaram pelo horror da guerra, mas, embutida nos combatentes que ao retornarem com vida aos seus lares, não conseguiam externar de forma comunicativa a experiência vivida e contida neles. Por isso, há particularidade de cada um no campo da vivência da experiência.

Mesmo com experiências não externáveis, com um fundo de introspecção, o homem tem a necessidade de estar junto de outros homens. Esse ato de coletividade social faz com que eles vivenciem situações, até por vezes repetidas, que a cada momento tem uma conotação diferente em termos de experiência.

Dentro dessas vivências compartilhadas, podemos pensar que as sociedades se configuram pelas histórias vivenciadas. No contexto no qual os homens estão inseridos, os acontecimentos são pertencentes a cada um de forma individual e se completam nos grupos sociais, como a família, trabalho, escola, locais esses que a identidade pessoal e coletiva se idealizam e se constroem numa perspectiva de experiência. Momberg (2015, p. 64), ressalta que:

A história individual é o lugar de uma tensão, de uma negociação, de uma transação entre um conjunto de histórias coletivas, de grupos e coletividades registro social ou associação, uma carreira individual singular, um sentimento único de si e de sua existência (tradução nossa)¹⁰.

¹⁰El relato individual es el lugar de una tensión, de una negociación, de una transacción entre un conjunto de relatos colectivos, esos de los grupos y colectividades sociales de inscripción o de pertenencia, y una trayectoria individual singular, un sentimiento único de sí mismo y de su existencia. Murillo Arango, Gabriel Jaime, Narrativas de experiencia en educación y pedagogía dela memoria / Gabriel Jaime Murillo Arango; compilado por Gabriel Jaime Murillo Arango. - 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015.

A “tensão” dessa história individual, pode ser que aconteça por envolver tantas outras histórias nela mesma, tantas outras vivências da coletividade dentro do curso da vida do homem da experiência.

Certamente, as histórias de vida que os homens vivenciam em seus grupos sociais, têm suas individualidades, elas caracterizam e concretizam os acontecimentos vividos por eles, formando-os e transformando-os, partindo da vivência, não existindo história sem um significado de experiência.

O sujeito como autor da sua própria história ao retratá-la, para ele, uma verdade clara, constituindo um axioma¹¹, concebe suas vivências e experiências individuais e coletivas, pautadas no entorno de onde essa vida se faz.

Ainda dentro do pensamento de Momberg (2015, p. 119), “o conhecimento da experiência é articulado em um relacionamento dialético entre conhecimento e vida humana”¹² (tradução nossa). Essa articulação entre conhecimento e vida humana só acontece através das experiências existentes através pelos fatos pertencentes ao grupo social, no qual os sujeitos estão inseridos, acontecendo nele de forma individual. Mesmo existindo as contraposições essa interação entre conhecimento e vida são relevantes para cada um.

Os acontecimentos podem se dar de forma objetiva ou subjetiva, tendo como particularidade a singularidade, o pertencimento único do homem, no campo pessoal e na coletividade, mediante eventos. Assim, algo que pode definir a experiência também está agregado ao momento vivido pelos sujeitos. Momberg (2015, p. 120), explica que, “um evento não tem necessariamente a mesma dimensão existencial para os mesmos assuntos, cada um experimenta o que vive de suas representações concretas e simbólicas”¹³ (tradução nossa). Em se tratando dos eventos ocorridos na vida, pensa-se que eles sejam contados da forma que o interlocutor retrata numa visão particularmente sua, em que o desfecho se dá numa visão extrinsecamente pessoal.

Cada cena retratada pelo sujeito, num relato de sua história, é

¹¹Axiomas são verdades inquestionáveis universalmente válidas, muitas vezes utilizadas como princípios na construção de uma teoria ou como base para uma argumentação. <https://www.significados.com.br/axioma/>

¹²El conocimiento de la experiencia se articula en una relación dialéctica entre el conocimiento y la vida humana. Ibid., p. 119.

¹³Un evento no necesariamente tiene la misma dimensión existencial para los mismos sujetos, cada uno experimenta lo que vive de sus representaciones concretas y simbólicas. Ibid., p 120.

potencialmente vista somente por ele naquele momento, ainda que o espectador esteja atento fazendo parte, a história retratada pertence ao sujeito da palavra. É possível entender que esse sujeito da palavra não terá mais a mesma experiência vivenciada até o momento e sim, uma experiência a partir dessa experiência. Tudo isso com o sentido de ser ouvido e que a ocasião do diálogo favoreça para que ele seja um homem de experiência que se coloca a frente dos fatos que ocorrem a todo momento.

Esse sujeito fala sobre sua vida numa óptica particular, na qual se faz pensar que ele otimiza suas narrativas para poder ser perceptível a ênfase no que ele acredita ser sua história, num primeiro ato de diálogo. Nesse momento em que conta sua história ele também faz história, ele também faz história e se sente parte desta história, na qual julgamentos não existem, mas a real validação do que ele está expondo, abrindo espaço para que seja entendido dentro das suas significações.

Sendo os acontecimentos, mesmo que vivenciados em sociedade, particulares a cada indivíduo, esse falar sobre si faz do sujeito ator principal (mesmo de forma momentânea) da discursão em si, do diálogo pontual do momento em questão. Dessa forma, não se deve adentrar para esferas diferentes que não seja a valorização de sua história, na proposta deste reconto, sentindo-se ele o sujeito da fala e da experiência.

A experiência só acontece no sujeito e o que ele externa, enquanto sujeito de fala, é o que pertence somente a ele, na visão que ele tem dele mesmo. Assim, ao ser “tocado” pela experiência, permite-se necessariamente, ser o sujeito que de fato experienciou o fato e tem propriedade para falar sobre isso.

As falas do sujeito têm significado quando são vistas por ele e pelo outro numa visão de conhecimento pertencente a ele, sendo esse mesmo sujeito o que tem a experiência como base de vida numa visão própria.

Essa experiência exposta pelo sujeito é o que ele entende sobre si e o mundo, num relacionamento íntimo entre ele e a vida, tornando os fatos o que faz dele o ser que existe dentro da sua própria experiência. Ele faz sua história ser contada com sucessões de episódios relacionados a um dia, um evento, um momento a ser recordado, provocando nele a constatação que as relações humanas sociais e afetivas, mesmo que não perceba de imediato, faz ele o ser de experiência.

O conhecimento do homem para com ele mesmo representa um grande desafio, pois a compreensão de como ele se constitui com as experiências

vivenciadas ao longo da vida, tomando consciência de si como ser, é o que pode permitir um traçado de lucidez nas transformações que ocorrem no percurso de sua história de vida. Assim, é permitido a ele ditar seu percurso de vida, seus investimentos vivenciais a curto, médio e longo prazo, articulando de forma consciente seu legado de cultura formadora, seu ciclo social, identificando sua forma de viver podendo ser ela libertadora dentro da perspectiva de aquisição de experiências.

O homem, ao ditar seu percurso, pode falar de si, retratando de forma pormenorizada sua história. Ele se apoia na sua linha do tempo, mantendo sempre contato com seu passado para que possa servir de auxílio a construção de sua consciência identitária de forma cronológica. Também, a esse homem é permitido elaborar ou reelaborar sua vida, concebendo, a partir dela suas experiências.

Pensando nisso, podemos enfatizar Momberg (2011, p. 341), quando destaca,

(...) O que fazemos quando narramos nossa história? Coletamos, ordenamos, organizamos, vinculamos as situações e os acontecimentos de nossa existência, damos a eles uma forma unificada e associada a uma vivência proteiforme, heterogênea, incerta, inapreensível e, através dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos.

Nas tentativas de narrar sua história de vida, o homem se organiza para falar do que é seu e do que lhe pertence, da sua mutabilidade frequente. Assim, organiza e projeta seu futuro, sendo próximo ou distante, na perspectiva do que estar por vir.

As narrativas retratam um pouco nós mesmos, estamos construindo uma autobiografia. Essa pode ser entendida e considerada como nossa existência em um contínuo de experiências. No entanto, nem todas elas concede experiência e nem transmite o conhecimento de nós e do mundo em um mesmo formato. Para Momberger (2011, p. 343), algumas situações,

(...) não se tornam experiências, não ensinam, não acham lugar em nossa biografia experimental: é o caso, por exemplo, de situações que acontecem de forma muito “precocemente” durante a infância ou a adolescência, ou inclusive de acontecimentos, às vezes dramáticos (acidentes, lutos), que ultrapassam, provisória ou definitivamente, nossa capacidade de integração biográfica.

Podemos entender que alguns fatos vividos não são inseridos em nossa trajetória de fala, na construção da história de vida que temos. Muitos

acontecimentos são bloqueados ou até esquecidos, sejam por ter sido vividos em um período que de fato não rememoramos, seja por ter sido algo traumático, que nosso consciente não faz questão de lembrar. Essa situação pode ocorrer independentemente de quais fatores levem a não precisamente falar, nem por isso deixamos de nos construir e reconstruir ao narrarmos nossa história.

Na sequência, dois relatos feitos por alunas em relação a vida.

Fatos da minha história

Durante minha infância houve repetidamente o alcoolismo severo de meu pai, que o fazia cometer atos abusivos com minha mãe, eu era levada para a casa da vizinha para não ver a cena mas, era desesperador ver minha mãe sendo arrastada pelos cabelos e o estado em que meu pai se encontrava.

Certo dia houve uma denúncia contra ele onde foi preso mediante a lei Maria da Penha, minha mãe sempre o visitava, pois ele sem o álcool era uma ótima pessoa e levava seus mantimentos. Meses depois ele foi liberado.

Outro fato marcante e inesquecível foi a descoberta de uma doença contagiosa no meu pai, como ele era ignorante para ir aos médicos, nunca aceitou tratamentos porém, houve o tempo em que o estado de saúde dele se agravou e teve que ser levado a força e ser internado no hospital.

Lá passou um certo tempo, alimentando-se por sondas e usando fraldas descartável, por estar imóvel. Pouco tempo depois, os médicos sem dar mais esperanças o liberaram para vir para casa, assim ele ficou na casa de minha avó. Um dia depois de sua chegada fui vê-lo, pois nunca tinham me liberado para vê-lo no hospital. Chegando lá ele não falava, somente me olhava fixamente falando mil coisas com o olhar, eu chorava muito em vê-lo daquele jeito, no outro dia aconteceu o esperado, o falecimento. Pode até parecer anormal mas, eu penso que ele só estava esperando me ver para partir...

L. F., 16 anos

Esse relato da estudante L. F., nos mostra que mesmo diante de tantas adversidades, a vida pode seguir os rumos que cada pessoa queira dar. Ela é uma estudante maravilhosa, muito estudiosa, gentil, comprometida, esforçada, até onde sabemos enquanto professores, uma boa pessoa no convívio familiar, tanto quanto no espaço educativo.

As experiências que nela passou e a tocou, a formou e a ajudou a escrever e continuar escrevendo sua trajetória de vida. Espera-se que continue sendo tocada pelas vivências e experiências e, que sua escrita vivencial, transcorra na mais pura forma de ser e estar no mundo.

Minha Vida

Me pediram para fazer uma auto biografia, mas como eu posso fazer uma coisa sendo que não me conheço por completo? Como vou fazer um relato

da minha vida sem nem saber ao certo o que estou fazendo dela, se estou em um bom caminho, se estou fazendo o certo, para falar a verdade o que é certo? Eu não sei. É uma das várias dúvidas que surgem na adolescência, mas vou começar do início.

Infância

Minha infância foi bem simples aqui mesmo na cidade de Santana do Ipanema-AL. Se pudesse revive-la não mudaria quase nada, apenas o fato de ter passado tão rápido, mas isso não estava ao meu alcance. Brincava o dia todo com meus vizinhos (hoje em dia mal os vejo). Íamos para vários lugares sem nem sair do meu quintal, éramos donos de vários estabelecimentos, tínhamos várias profissões, nem parece que hoje um dos medos que mais me assusta é não saber qual profissão seguir sendo que quando era criança, era tão fácil. Podia ser cozinheira de manhã, estilista a tarde e uma cantora famosa a noite, o “mundo” onde vivíamos era melhor do que o que vivo hoje. Quando foi que mudou? Como foi que mudou? Por que mudou? Era tudo tão mais fácil.

Pré-adolescência

Demorei para “crescer” pois até os 13 anos ainda brincava de boneca mas, foi na chamada pré-adolescência que comecei a mudar. Não sei o porquê, eu tinha a necessidade de crescer, de ser adolescente, não sei porque quis tanto acelerar esse processo que hoje me arrependo profundamente.

Não aproveitei tanto essa fase como deveria ter aproveitado, eu queria logo pular para a próxima, na esperança de melhorar sendo que a melhor fase que tem é a do hoje, é a que estamos vivendo hoje. O que eu mais queria era “virar mocinha”, pois minhas amigas todas já eram e eu ainda não, sem saber que eu era a sortuda da história.

Adolescência

Enfim chegou a fase que estou vivendo agora, a fase das incertezas, dúvidas, e insegurança, onde é bem provável desenvolver ansiedade ou depressão. Ao sentir medo. Medo do que estou vivendo, medo do futuro, medo de não conseguir atingir o que quero, medo de não saber o que querer.

Cheia de angústia e medos, sou empurrada para a escola. Tem que ser boa aluna, boa filha, boa pessoa, terminar os estudos com dezessete anos. Tem que fazer o Enem se quiser ser alguém na vida, mesmo sem nem saber o que quero ser na vida. Tem entrar em uma faculdade, se formar antes dos vinte e dois anos se quiser entrar no mercado de trabalho e não para, não tem tempo de você pensar.

Estou agora no segundo ano do ensino médio e ainda não sei ao certo o que quero ser, que rumo devo tomar e isso me apavora pois o tempo não espera. Surgem várias dúvidas mas, ninguém para responde-las. E se eu não conseguir nada? E se eu decepcionar todo mundo? E se eu escolher uma profissão e for infeliz nela? Será que eu não me encaixo em nenhuma profissão? Por que tem que ser tudo tão difícil?

Para finalizar reforço a ideia que citei no início. Como posso fazer uma auto biografia sendo que não me conheço por completo? Minha mente é a coisa mais complexa que eu “conheço”. Meu cérebro é o mistério que nunca vou conseguir decifrar.

Não sei bem o que escrevi, não sei porque eu escrevi, não sei se tá certo o que escrevi, mas espero ter falado com minha alma e meu coração.

Desconhecido

Nesse relato, a estudante intitulada como “desconhecida”, aborda as fases de sua vida. Inicialmente, sente dificuldade de falar de si por acreditar que não sabe ao certo quem é ela mesma. Em sua fase criança, via seus colegas a todo momento, podia ir a vários lugares sem sair de casa, durante suas brincadeiras. Mas o tempo

passa, as responsabilidades chegam e, parece-me, que cada um segue ou trilha caminhos diferentes, e isso provoca distanciamentos, dificultando o encontro de corpos.

Podemos pensar que no entendimento de Arango (2015, p. 174), sobre a narrativa, fica claro quando expõe,

A experiência narrada habita no processo de transmissão, na medida em que o narrador pega o conteúdo do que ele narra de sua própria experiência, o que ele mesmo viveu ou foi transmitido por outros, que por sua vez se torna experiência para o que ele escuta ou lê, de tal forma que o ouvinte ou leitor seja capaz de se lembrar o que não viveu, a experiência não vivida na carne própria, mas isso foi transmitido a ele na história (tradução nossa)¹⁴

Ao ser dada a oportunidade aos estudantes de narrarem suas histórias de vida, por meio de suas memórias para que sejam conhecidas por outros sujeitos, suas experiências poderão ser ouvidas ou lidas por outros, interpretadas e sentidas como experiências tocadas. Assim sendo, ao atravessar o sujeito com toda essa dinâmica possa se transformar em experiência.

¹⁴La experiencia narrada habita en el proceso de transmisión, en la medida en que el narrador toma el contenido de lo que narra de su propia experiencia, la que él mismo ha vivido o bien le ha sido transmitida por otros, misma que se torna a su vez en experiencia para el que escucha o lee, de tal modo que el oyente o el lector es capaz de recordar lo que no ha vivido, la experiencia no experimentada en carne propia, pero que le ha sido transmitida en el relato.

5 A EXPERIÊNCIA E O PERMITIR SER TOCADO POR ELA

Soneto

Pela minha vida, sem amargura, Sem suspiro, vai uma dor sombria. Dos meus sonhos, a florescência pura É a benção de meu mais tranquilo dia.

As vezes cruza a trilha que acompanho A grande questão. Siga assim, frio. Pequeno, como à margem de um rio Do qual não ousa medir o tamanho.

Então me vem um lamento, um torpor Cinza como, nas noites de verão, Céus em que raro uma estrela se ascende.

Minhas mãos tateiam por amor, Porque gostaria de fazer uma oração Mas ela escapa à minha boca quente...
(Franz Kappus)¹⁵

Estamos em conclusão no relato das experiências vividas durante as oficinas, com os alunos da Escola Estadual Professora Laura Maria Chagas de Assis, localizada na Rua Gilmar Pereira de Queiroz, no município de Santana do Ipanema/AL.

Ao refletir sobre as experiências vivenciadas no mundo, podemos pensar que elas podem ser solitárias ou não, compartilhadas ou não, mas sempre serão experiências e só cabe a nós a permissão de sermos tocados por ela.

O homem é uma criatura singular, mesmo sendo um ser plural na sua totalidade, tendo o privilégio de ser único a ter a atribuição e a responsabilidade de ser o ser no mundo.

Nos momentos vivenciados nas oficinas, por vezes, existiram situações diversas e diversificadas: o silêncio do estudante com ele mesmo; as falas internas ocorrendo num turbilhão de pensamentos, já que a fala do pensamento é o escutar; falas coletivas; conversas silenciosas, com o olhar e o pensamento; o silêncio para ouvir.

A escuta do ser promove-lhe uma fala interna que naquele momento só pertence a ele, o ser como é. Essa escuta pode ser profunda e interna, pode trazer para o ele a fala que constitui em si e para si, sem precisar necessariamente falar. Nesse sentido, Heidegger (2005, p. 15), aponte que,

O barulho do silêncio constitui a forma originária de dizer. No silêncio, o

¹⁵KAPPOS, Franz in RILKE, Rainer Maria, 1875-1926. **Cartas a um jovem poeta**. Tradução de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2017, p. 72.

sentido do ser chega a um dizer sem discurso nem fala, sem origem nem termo, sem espessura nem gravidade, mas que sempre se faz sentir, tanto na presença como na ausência de qualquer realização ou coisa.

Poderíamos cogitar a existência de um barulho no silêncio interior de cada um. Será que o barulho do silêncio incomoda? Podemos pensar que para muitos sim, para outros não, nascendo assim uma dualidade para reflexão.

Na escuta do silêncio pode ocorrer a experiência. É possível aprender na escuta, no silêncio da fala. Podemos nos perceber em nosso silêncio, em nossa fala interna de escuta e de observação.

A escuta do estudante foi oportunizada durante as oficinas. Ao desenvolver o trabalho pensando nas construções experienciais dos estudantes, percebemos o quanto a função educativa pode favorecer o encontro do estudante com ele mesmo. Podemos “pensar” que, o pensar no formato filosófico parte da sensibilidade do sujeito pensante diante das realidades vivenciadas por ele. E que pode passar a ser relacionada com o que se expõe a ele, como material teórico e a prática em sala de aula, trazendo reflexões e clareza de ideias.

Este trabalho teve como predominância a temática Histórias de Vida, com foco nas narrativas existenciais com um diálogo entre a vida e a Filosofia no espaço escolar e se estendendo a vida. Foi dando ênfase a experiência que cada indivíduo traz de vida e perante a vida, onde a possibilidade do filosofar foi possível, sendo trabalhado na disciplina de Filosofia.

A proposta deste trabalho foi de realizar, por meio de oficinas, a construção do filosofar, na qual a palavra “experiência” foi ponto fundamental a ser pensado para os estudantes e com os estudantes.

Foram desenvolvidos 7 (sete) encontros com os estudantes. O desdobramento aconteceu através de diálogos, trazendo a realidade vivenciada pelos discentes, em diversos aspectos da vida, para a concepção da narrativa das histórias de vida que cada um pode construir.

Aos estudantes foram proporcionados momentos de reflexão e interação para que eles pensassem e repensassem à vida, numa visão de que somos singulares e plurais ao mesmo tempo. Foi possível o pensar que a verdadeira certeza da vida não se consegue com uma simples resposta, pois não existe resposta pronta para as indagações. Também, que a sequência de fatos do cotidiano sendo eles do passado, presente ou futuro - fazem parte de uma história.

Hodiernamente, parece que falta nos jovens hoje, pensar à vida de forma subjetiva, que eles sejam mais leves, partindo de um lugar onde suas histórias possam retratar vivências pautadas nas experiências trazendo aos diálogos recortes do cotidiano. Assim, os relatos expressados por eles, nos momentos de encontros, possam favorecer à abertura para novas aprendizagens e as inquietações do pensar filosófico que fala de vida, que move a vida.

Em decorrência das observações realizadas no espaço escolar, fez-se necessário um trabalho para que a participação efetiva dos estudantes fosse apreciada de forma a favorecer a construção do filosofar, tanto do contexto educativo quanto na vida.

Com a realização deste trabalho foi possível promover diálogos sobre as temáticas previamente escolhidas por eles, acerca de suas histórias de vida, das suas experiências e os desafios que envolvem a vida e o pensar. Houve o favorecimento do momento de fala para que a exposição das experiências relatadas através dos momentos de construção coletiva. Dessa forma, mediar as experiências voltadas para uma significação filosófica de experiência a partir um lugar foi de grande relevância para o trabalho.

A aplicabilidade deste trabalho foi realizada com 33 alunos do 2º ano do Ensino Médio Integral, da Escola Estadual Professora Laura Maria Chagas de Assis, escola esta que atende um público alvo das zonas rural e urbana. A escola oferta o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), sendo do 6º ao 8º anos integral. Somente o 9º ano pertence ao ensino regular. O ensino médio também é integral. Todo o trabalho realizado nas oficinas está respaldado por pesquisa exploratória.

Os estudantes tem perfil diferenciado, pois cada ser humano é único. Diferentes habilidades devem ser mediadas para desenvolvimento em todos, como a empatia e o respeito, mas dificilmente serão totalmente equilibradas com relação ao todo.

As atividades realizadas tiveram condução de forma que os estudantes pudessem experienciar todo o processo de escuta, de fala e construção do pensar mediante as temáticas direcionadas. Elas foram elaboradas cuidadosamente, com direção a suas histórias de vida, com entendimento do que é real e o do que é subjetivo, o que é experiência e o que é acúmulo de informação, do pertencimento à sua própria história dentro de um pensamento que os levassem a refletir sobre a vida e o filosofar.

Os estudantes se oportunizaram interagir expressando-se num diálogo contínuo de forma objetiva, com suas certezas e incertezas, partindo sempre de um lugar, sendo sua casa, sua escola, sua comunidade. Buscaram relatar suas experiências no decorrer de suas vivências cotidianas, pensando no que já foi pensado e no que ainda não foi pensado, no que se relaciona a experiência e a vida, mediante suas convicções históricas.

5.1 1ª Oficina: cadernos etnográficos

No primeiro momento de oficina aconteceu a entrega de material impresso, os Cadernos Etnográficos, sendo realizado um breve debate sobre o que seria registrado nos cadernos e sua possível exposição, no encerramento do ano letivo. Cada aluno registraria seu nome em seu caderno e a cada oficina faria o registro do que aprendeu ou achou daquele momento.

Em cada oficina, ao final, foi reservado em torno de 20 minutos para o registro, no caderno etnográfico, do que havia sido trabalhado. Saliento que em alguns momentos não foi possível essa anotação, em decorrência do tempo ser pouco para a aplicação do material, e discussão e o registro.

Dando sequência a esse momento, abordamos o tema *Histórias de Vida*, para que todos tivessem a oportunidade de um falar sobre sua construção histórica e social e as transformações, diante das experiências vivenciadas até então.

Esse encontro foi norteado de forma leve, com o livro infantil *A borboleta Azul*, cuja frase condutora do dia foi a metamorfose da borboleta, possibilitando a breve fala ou silêncio dos estudantes, sobre as mudanças constantes da vida e as experiências que resultam de tudo isto.

No pátio da escola foi formado um grande círculo com todos os estudantes da sala presentes nesse dia, tendo como proposta realizar leitura compartilhada, contemplando todos que estavam presentes. Os personagens do livro foram criando vida a partir do momento que eles realizavam a leitura. Esse compartilhamento foi tão proveitoso que até o vigia da escola, que passava para lá, para cá, parou e disse: que negócio bonito, quero participar! Convidamos. Ele sorriu disse que não podia, pois tinha que ficar ao lado do portão, e saiu. Ao término da leitura, muitos risos, interrupções, escuta, silêncio e falas.

O momento da interação sobre as vivências experienciadas dos alunos havia

chegado. Foi fantástica a compreensão do que é metamorfose, partindo do princípio da vida de um animal tão singelo que é a borboleta, concomitante as metamorfoses vividas por cada um no dia a dia.

Alguns estudantes se oportunizaram narrar recortes pontuais de suas histórias de vida, num reconto metamorfofísico de transformação e transição, a partir da experiência vivida e sentida por eles.

As narrativas dos que ousaram falar um pouco de si foram significativas; também, para os que quiseram somente ouvir um pouco do outro, fazendo dessa escuta e do seu silêncio, sua própria narrativa.

Alguns estudantes que conseguiram fazer um recorte da realidade, pois a totalidade não seria possível. Cada história ou episódio da vida contada, a partir da visão deles, era de uma emoção e gratificação que as palavras aqui discorridas não conseguiriam retratar. Esse recorte foi o primeiro registro escrito no caderno etnográfico.

A fala foi ouvida e o silêncio ecoou como um grito, e as vivências compartilhadas tiveram início naquele momento.

5.2 2ª Oficina: pesquisa exploratória

Partindo de uma vivência no chão da escola, onde nos dias atuais ainda se pensa em trabalhar com os estudantes, de forma fragmentada, com recortes de uma realidade quase sempre não pensada para eles, nas escritas das linhas referenciais dos livros didáticos... São tantas as situações... entre elas: nas posturas ainda de superioridade de muitos docentes, nas amarras que o sistema coloca para os docentes para que tenham que seguir à risca o que é orientado de cima para baixo.

Nesse contexto, surge a necessidade da expressão dos estudantes na oficina intitulada Pesquisa Exploratória. Nessa oficina, cada estudante teve a oportunidade de expressar seu conhecimento de vida e experiência, respondendo ao questionamento proposto.

Para esse momento, foi realizada a atividade com a Pesquisa Exploratória, na qual os estudantes puderam responder um questionário em que havia a seguinte problemática: elencar (citar) 3 temas relativos à sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje e dizer brevemente o que já sabe sobre eles. Assim, foi solicitado que cada um colocasse três palavras

(temas) relativas à vida que gostariam de estudar e/ou dizer brevemente o que já conheciam sobre o tema e como projetavam essa palavra para o futuro, numa fala enquanto adolescentes viventes no atual momento.

Essa fala escrita foi pensada para que o aluno pudesse pontuar sua visão sobre como ele percebe o mundo e a vida e como ele pensa a vida, num campo de relação constante com ele e com o outro.

A pesquisa nos rendeu grandes surpresas. Pensando no lado positivo da abordagem feita por cada um, fica claro como eles têm necessidade de serem vistos dentro de sua vivência, de sua experiência e até complexidade.

A imagem a seguir é do questionário que foi utilizado para a realização da pesquisa.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: INTERVENÇÃO FILOSÓFICA
 TURMA: 2º ano A
 PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira
 ESTUDANTE _____

PESQUISA EXPLORATORIA

- Elencar (citar) 3 temas relativos a vida que gostaria de estudar nas oficinas que serão trabalhadas posteriormente. Temas relativos a vida e que tratem de questões que o preocupa hoje, dizendo brevemente o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 _____

b. Tema 2 _____

c. Tema 3 _____

Esta oficina foi realizada no espaço da sala de aula e para a realização desse momento, eles se organizaram da forma que julgaram mais confortável. Formaram grupos, duplas, ficaram sozinhos, conversaram, ficaram em silêncio, mas sempre na perspectiva de um pensamento voltado para a vida, para a experiência que eles já traziam em si de conhecimento sobre o que estavam tentando expressar na tentativa da escrita.

Inicialmente, com a entrega dos questionários onde puderam expressar

através da resposta escrita sobre o que estava sendo solicitado.

A agitação foi geral. A vida permeava àquele ambiente, conversas paralelas, cochichos aos cantos, risos, questionamentos, vergonha... a vida acontecia saltando aos olhos naquele instante.

As ideias foram muitas, mistas, conversas, indagações do que pontuar, mas ao final da pesquisa, dezessete palavras foram citadas, muitas dessas repetidas. Em conjunto com eles, selecionamos as quatro que tiveram maior incidência de repetição para darmos continuação as oficinas com os momentos que viriam a seguir.

As imagens¹⁶ abaixo são da oficina da Pesquisa Exploratória.



¹⁶Como não tinha autorização foi desfocado a imagem do rosto dos alunos.



As 17 palavras pontuadas pelos estudantes foram:

- Dinheiro;
- Felicidade;
- Amor;
- Amizade;
- O Brasil e o mundo;
- Propósito de vida;
- Meio ambiente;
- Sucesso profissional;
- Matemática;
- Empreendedorismo;
- Faculdade;
- Aposentadoria;
- Tempo;
- Vida de Estudos;
- Futuro;
- Relacionamentos;
- Saúde;
- Educação;

- Autoestima;
- Arte;
- Psicologia;
- Desmotivação;
- Aceitação;
- Solidão;
- Sociologia;
- Religiões;
- Família;
- Trabalho;
- Educação Física;
- Confiança;
- Decepção;
- Escolha;
- Maturidade;
- Reciprocidade;
- Música;
- Bateria musical;
- Estudar música;
- Depressão;
- Carreira profissional;
- O preço da realidade.

Considerando o critério de incidência da repetição de algumas palavras, foram escolhidas as quatro que tiveram maior índice de repetição para nortear o trabalho que viria a seguir. As palavras que se repetiram foram:

- Felicidade;
- Amizade;
- Dinheiro;
- Futuro.

Com todo esse material, mediante a pesquisa exploratória, as oficinas seguintes seriam mediadas com os temas recorrentes, favorecendo uma interação entre as palavras e a discussão sobre a vida. Eles conseguiram fazer os registros desse dia nos cadernos etnográficos.

5.3 3ª Oficina: felicidade 1

Mediante a escrita dos estudantes na pesquisa exploratória realizada, continuamos a sequência dos trabalhos pretendidos com eles e para eles. Iniciando esse dia com um pequeno vídeo sobre felicidade, Como ser feliz – a felicidade em Aristóteles¹⁷.

A preparação desse momento requer conexão de aparelhos audiovisuais, e os estudantes se prontificam para montagem (o que considere excelente), para dar início rápido ao que é proposto. Aparelhos conectados, inicia-se o vídeo. Todos ficam quietos e atentos ao que está sendo exposto.

Ao final do vídeo, a conversa é geral, cada um que deles quer falar o que sentiu ou acredita ser felicidade, outros querem dizer como se sentem em relação a palavra. Mas, a proposta para esse momento é a seguinte: em forma de texto ou desenho, eles devem expressar o que o tema lhes conduz como resposta, como norte, como sentimento, mediado pelo pensamento aristotélico de felicidade. O que eles acreditam ser felicidade e o que o vídeo lhes trouxe como subsídio para o que já acreditavam ser felicidade.

O tumulto foi geral! Querem juntar as mesas e cadeiras para facilitar a conversa e a escrita ou desenho. Dessa forma, dividimos em grupos de até 6 pessoas para facilitar o acesso ao material entregue, como folhas, lápis de cor, dentre outros.

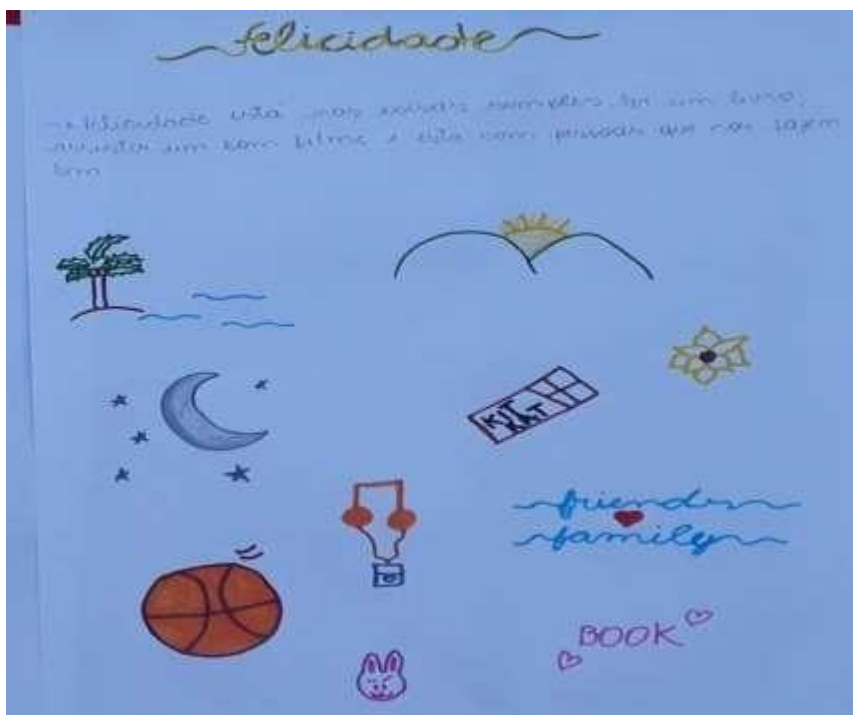
Nesse momento, de forma mais confortável, eles iniciam sua construção. Uns dizem que não conseguem se expressar, visto que pensar de forma filosófica não é tarefa fácil, enquanto outros já estão construindo. Ao término do tempo previsto para esse momento, que foi de 60 (sessenta) minutos, os trabalhos expressados foram os mais variados, cada um mais emocionante que o outro.

Dessa forma, nós professores conseguimos captar e perceber nosso aluno como ser que emocionalmente precisa ser visto, precisa ser pensado e precisa ser notado. Precisamos entender melhor esse turbilhão de sentimentos e pensamentos que emergem deles, sendo através da fala, do desenho, da escrita ou até mesmo do silêncio.

¹⁷Disponível em: <https://youtu.be/cTAh-Jvegp0>

Após a conclusão, foi construído um mural fora da sala de aula, no qual todos puderam fazer a exposição das atividades produzidas permitindo serem visualizadas pelos demais estudantes da escola.

Segue alguns dos trabalhos realizados nesse dia.



A percepção que tivemos ao realizar esse momento, incluindo a verificação de gravuras construídas pelos alunos é que, eles perceberam que a felicidade pode estar nas coisas mais simples, como a leitura de um livro, ver um bom filme, pode estar ligada aos animais, a natureza, aos amigos.

Nos corredores da escola, nós encontramos muitos alunos, nos momentos de folga com um livro nas mãos, realizando uma leitura, esse momento é único, na nossa visão de professor, pois a abertura para novos mundos inicia também ali, motivados pelo ato de ler livremente.

O que conseguiram registrar dessa oficina nos cadernos etnográficos foram desenhos.

5.4 4ª Oficina: felicidade 2

Ainda sobre Felicidade, realizamos outra oficina tendo como material a Carta de Epicuro a Meneceu, para que os estudantes pudessem ter acesso a um texto filosófico, voltado para o tema escolhido previamente por eles.

Nessa etapa foi disponibilizado material impresso e uma aluna, voluntariamente, entregou aos colegas para que cada um fizesse uma leitura silenciosa. Após a leitura, eles comentaram sua atividade, através da escrita no próprio texto ou no caderno etnográfico. Logo em seguida. Houve a realização de um debate sobre o entendimento deles em relação ao texto, trazendo para aquele momento as percepções obtidas por eles.

Abaixo segue o texto utilizado.

Epicuro Carta a Meneceu - Sobre a Felicidade (material impresso entregue)
--

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer por meio da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.

Pratica e cultiva então aqueles ensinamentos que sempre te transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz. Em primeiro lugar, considerando a divindade como um ente imortal e bem aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribuas a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade, nem inadequado à sua bem aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservar-lhe felicidade e imortalidade. Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irrmanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria

affligir-nos enquanto está sendo esperado. Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida.

O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não viver não é um mal. Assim como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve. Quem aconselha o jovem a viver bem e o velho a morrer bem não passa de um tolo, não só pelo que a vida tem de agradável para ambos, mas também porque se deve ter exatamente o mesmo cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer. Mas pior ainda é aquele que diz: bom seria não ter nascido, mas, uma vez nascido, transpor o mais depressa possível as portas do Hades. Se ele diz isso com plena convicção, por que não se vai desta vida? Pois é livre para fazê-lo, se for esse realmente seu desejo; mas se o disse por brincadeira, foi um frívolo em falar de coisas que brincadeira não admitem. Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais.

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo. Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir. É por essa razão que afirmamos que o prazer é o

início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor. Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem. Consideramos ainda a autossuficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com esse pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfrutam melhor a abundância os que menos dependem dela; tudo o que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo o que é inútil. Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita.

Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte. Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa

perturbação toma conta dos espíritos. De todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas. Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor? Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses por meio das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável.

Entendendo que a sorte não é uma divindade, como a maioria das pessoas acredita (pois um deus não faz nada ao acaso), nem algo incerto, o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo; na prática, é melhor que um bom projeto não chegue a bom termo, do que chegue a ter êxito um projeto mau. Medita, pois, todas estas coisas e muitas outras a elas congêneres, dia e noite, contigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado,

quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens. Porque não se assemelha absolutamente a um mortal o homem que vive entre bens imortais.

Após a leitura do texto, nos reunimos no jardim da escola para a discussão proposta sobre a felicidade, vista a partir da carta lida.

Organizamos a ida ao jardim (eles insistindo em levar a carta na mão), a maioria sempre condicionada a ser “bem comportada” e outros com suas personalidades mais avançada, mostram inquietação. Já no jardim ficaram bem à vontade para a discussão que faríamos. As falas aconteceram de forma muito espontânea. Muitos pensamentos diferentes, mas todos pertinentes ao que foi proposto para aquele momento.

Esse encontro no jardim para finalizar esse dia de oficina, configura-se como de real importância para a consolidação de ideias e permissão de conhecimentos. Abaixo imagem desse dia de oficina.



Nesse dia não houve registro nos cadernos etnográficos.

5.5 5ª Oficina: amizade 1

Essa oficina irá descrever os acontecimentos desse momento interativo, de com os estudantes através do tema Amizade, tendo como base as provocações necessárias para a interação e discussão de todos. A ênfase ao que cada um carrega em si sobre o que está sendo direcionado.

O início do trabalho aconteceu com a explanação sobre o que o curta metragem *Aprender a aprender* aborda sobre amizade, numa reflexão sobre a

influência do ensinar e aprender e como o vínculo de amizade precisa estar presente neste processo. Como também sobre a relevância a afetividade, para dar suporte aos ensinamentos de quem ensina e quem aprende.

Dando seguimento, com toda a aparelhagem para a reprodução do vídeo organizada, iniciamos como sempre com a ajuda de um ou dois alunos. Todos ficaram silenciosos e atentos com risos e cochichos, mas com atenção no que estava sendo reproduzido.

Ao término, foram organizados pequenos grupos para a construção da escrita, tendo como foco o que cada um se permitiu apreender com o que havia sido exposto. Houve muita conversa e interação, mas a vontade de escrever e expressar o pensamento falava mais alto naquele momento.

A escrita construída sobre esses laços que unem os homens no infinito processo, que vivencia através dos laços da amizade, vista na concepção dos estudantes, será descrita abaixo.

ESCRITA DOS ESTUDANTES SOBRE A AMIZADE

Que até nas dificuldades os verdadeiros amigos sempre estarão juntos de nós; A animação foi muito esquisita no início. O designer do aparente monstro que era amigo do protagonista, não era dos mais agradáveis. Demonstrou uma certa relação de perseverança incentivada pela amizade. No fim, mesmo hesitando em um momento, continuou tentando e conseguiu seu anseio; A aprendizagem é um processo, nós não nascemos sabendo de tudo e temos que ter muita paciência. A amizade não é quantidade, é qualidade. Amigos que nos ajudam a encarar os momentos difíceis, e nos acompanham nos momentos bons e ruins; Nós nunca podemos desistir de nossos sonhos, nós temos que alcança-lo para que se torne realidade. E quando estiver pronto, temos que compartilhar com nossos amigos. A amizade é tão grande que quando a perdemos, não temos mais o objetivo de viver, mas temos que ficarmos fortes para não desistirmos da vida. E cada dia que nasce é especial, temos que aproveitar; Com o tempo, percebemos que a prática e a perseverança leva a perfeição, mas quando de fato aplicamos em alguém o resultado nem sempre é o esperado. As vezes o sorriso se desfaz e o encanto se quebra... É assim com os amigos, eles podem fazer parte de nossas vidas, mas não podem ser a nossa vida;

A prática leva a perfeição; É necessário ter confiança em nós mesmos; Amizades são essenciais para nosso amadurecimento; Incentivo dos amigos; Compreensão com o próximo; A persistência leva a sabedoria; “Amizade é ter ao seu lado alguém que o incentive ao bem, alguém que te ajude de todas as formas, alguém para compartilhar seu amor. Amigo é sinônimo de companheirismo, uma pessoa que te faz bem, te faz ser amor e te faz ver a vida de uma forma linda;

Amizade é estar com o outro mesmo em momentos difíceis, ajudar o outro em qualquer situação, é transmitir alegria. Persistir em uma amizade que vale a pena, é maravilhoso. Você se doar sem querer nada em troca. Sejam amigos;

Aprendi que para uma boa amizade, uma causa maior, um sentimento de fazer o bem para alguém. A animação me ensinou a não desistir e aprender com os erros sem se deixar abater, andar sempre de cabeça erguida;

A amizade verdadeira é a que os dois lados tem paciência de compreender o outro. É você descobrir algo novo, fazer uma pessoa feliz sem olhar os defeitos e seus problemas. É se permitir aprender a aprender, ajudar nos momentos difíceis, entender que nem tudo acaba feliz. O caminho percorrido tem dor e espinhos, mas sempre tem a felicidade e os momentos bons;

Retrata que não devemos desistir sem antes ter tentado, e que existe sim uma amizade verdadeira, porém é raro achar. A vida é feita de tentativas e aprendizado, nem tudo na vida é feito de perfeição e sim de aprendizado;

“A prática leva a perfeição”. Essa “perfeição” em questão, tratasse de algo que nos faz sentir

prazer, esse que nos faz sentir realizados. Mesmo que esse prazer seja desvalorizado, o importante é acreditar e seguir.

O resultado de entendimento e interpretação não foi o esperado. Todavia, como mediadores de aprendizagens nós professores precisamos ter compreensão da imaturidade dos nossos estudantes e, às vezes, a falta de atenção, mas acima de tudo, entendermos que assim como nós, eles são feitos para a aquisição de aprendizagens. Com o resultado dessa escrita de entendimento, foi possível realizar um diálogo pertinente a temática. Cada fala foi vista de forma positiva e a interação, mediante o diálogo que se seguiu, evidenciou o quanto todos somos seres plurais nas capacidades de entendimento e pensamento.

E como resultado do momento vivenciado, houve a percepção que mesmo

diante das acontecências da vida e o mesmo fato ocorrendo ao mesmo tempo para todos de forma igualitária, cada indivíduo tem uma percepção diferente, uma interação diferente.

Essa experiência que decorre das acontecências vividas por nós, traz em si a certeza que a cada encontro e a cada momento vivido e experienciado, pode ser a vivência e experiência do instante seguinte, do instante que ainda não foi vivido ou que ainda não foi pensado.

Sendo nós professores mediadores nesse processo escolar do estudante, na busca de aprender um pouco mais para ter uma maior autonomia, na sua trajetória de vida escolar até social, somos incentivadores durante todo esse processo.

A discussão sobre o vídeo, sendo o segundo momento, transcorreu com foco na interação de confiança e amizade existente entre o mestre e o aprendiz, entre o que media o saber e o que o adquire.

Fica perceptível que para haver a aprendizagem em qualquer processo de vivência, é necessário a criação de autonomia, havendo assim o despertar do interesse pelo novo, pelo que ainda não foi vivido e pelo que pode ser vivido e compartilhado com outros sujeitos.

No que se refere a amizade dos estudantes entre eles e seus pares, percebemos que existe um vínculo afetivo, podendo acontecer em dado momento, entre eles mesmos e entre o mestre e os aprendizes. Ao registrarem no caderno etnográfico, deram ênfase ao ser mestre e aprendiz.

5.6 6ª Oficina: amizade 2

Em uma outra oficina, continuamos com a temática sobre Amizade e para este dia foi programado a utilização de um fragmento do livro ÉTICA A NICÔMACO. Foi produzido um material impresso e entregue com antecedência aos estudantes, para que eles pudessem fazer uma leitura prévia antes do encontro.

Na sequência, o fragmento utilizado utilizada para a leitura prévia.

LIVRO VIII p. 168 a 171 ¹⁸

¹⁸CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática** - Campinas, SP: Papirus, 1989. ÉTICA A NICÔMACO /POÉTICA (ARISTÓTELES); Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. NOVA CULTURAL 1991.

Depois do que dissemos segue-se naturalmente uma discussão da amizade, visto que ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens. E acredita-se, mesmo, que os ricos e aqueles que exercem autoridade e poder são os que mais precisam de amigos; pois de que serve tanta prosperidade sem um ensejo de fazer bem, se este se faz principalmente e sob a forma mais louvável aos amigos? Ou como se pode manter e salvaguardar a prosperidade sem amigos? Quanto maior é ela, mais perigos corre.

Por outro lado, na pobreza e nos demais infortúnios os homens pensam que os amigos são o seu único refúgio. A amizade também ajuda os jovens a afastar-se do erro, e aos mais velhos, atendendo-lhes às necessidades e suprimindo as atividades que declinam por efeito dos anos. Aos que estão no vigor da idade ela estimula à prática de nobres ações, pois na companhia de amigos — "dois que andam juntos" — os homens são mais capazes tanto de agir como de pensar.

E também os pais parecem senti-la naturalmente pelos filhos e os filhos pelos pais, não só entre os homens, mas entre as aves e a maioria dos animais. Membros da mesma raça a sentem uns pelos outros, e especialmente os homens; por isso louvamos os amigos de seu semelhante. Até em nossas viagens podemos ver quanto cada homem é chegado e caro a todos os outros. A amizade também parece manter unidos os Estados, e dir-se-ia que os legisladores têm mais amor à amizade do que à justiça, pois aquilo a que visam acima de tudo é à unanimidade, que tem pontos de semelhança com a amizade; e repelem o facciosismo como se fosse o seu maior inimigo. E quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade. Não é ela, contudo, apenas necessária, mas também nobre, porquanto louvamos os que amam os seus amigos e considera-se uma bela coisa ter muitos deles. E pensamos, por outro lado, que as mesmas pessoas são homens bons e amigos.

Ora, certos pontos atinentes à amizade são matéria de debate. Alguns a definem como uma espécie de afinidade e dizem que as pessoas semelhantes são amigas, donde os aforismos "igual com igual", "cada ovelha com sua parelha", etc.; outros, pelo contrário, dizem que "dois do mesmo ofício nunca estão de acordo". E investigam esta questão buscando causas mais profundas e mais físicas, dizendo

Eurípedes que "a terra resseca ama a chuva, e o majestoso céu, quando prenhe de chuva, adora cair sobre a terra", e Heráclito: "o que se opõe é que ajuda", e "de notas diferentes nasce a melodia mais bela", e ainda: "todas as coisas são geradas pela luta"; ao passo que Empédocles, juntamente com outros, exprime a opinião contrária de que o semelhante busca o semelhante. Quanto aos problemas físicos, podemos deixá-los de parte, pois não pertencem à presente investigação. Examinemos os que são humanos e envolvem caráter e sentimento, por exemplo: se a amizade pode nascer entre duas pessoas quaisquer, se podem ser amigos os maus, e se existe uma só espécie de amizade, ou mais. Os que pensam que só existe uma porque a amizade admite graus baseiam-se num indício inadequado, visto que mesmo as coisas que diferem em espécie admitem graus. Este assunto já foi discutido por nós anteriormente.

Talvez possamos deslindar as espécies de amizade se começarmos por tomar conhecimento do objeto do amor. Ora, nem tudo parece ser amado, mas apenas o estimável, e este é bom, agradável ou útil. Mas o útil, em suma, é aquilo que produz algo de bom ou agradável, de modo que são o bom e o útil que são estimáveis como fins. Os homens amam, então, o que é bom em si ou o que é bom para eles? Os dois entram por vezes em conflito. E o mesmo pode-se dizer no tocante ao agradável. Ora, pensa-se que cada um ama o que é bom para ele, e o que é bom é estimável em si mesmo, enquanto o que é bom para cada um é estimável para ele; mas cada homem ama não o que é bom para ele, e sim o que parece bom. Isso, contudo, não vem ao caso; limitar-nos-emos a dizer que ele é "o que parece estimável".

Ora, as pessoas amam por três razões. Para o amor dos objetos inanimados não usamos a palavra "amizade", pois não se trata de amor mútuo, nem um deseja bem ao outro (seria, com efeito, ridículo se desejássemos bem ao vinho; se algo lhe desejamos é que se conserve, para que continuemos dispondo dele); no tocante aos amigos, porém, diz-se que devemos desejar-lhes o bem no interesse deles próprios. Mas aos que desejam bem dessa forma só atribuímos benevolência, se o desejo não é recíproco; a benevolência, quando recíproca, torna-se amizade. Ou será preciso acrescentar "quando conhecida"? Pois muita gente deseja bem a pessoas que nunca viu, e as julga boas e úteis; e uma delas poderia retribuir-lhe esse sentimento. Tais pessoas parecem desejar bem umas às outras; mas como chamá-las de amigos se ignoram os seus mútuos sentimentos? A fim de serem amigas, pois,

devem conhecer uma à outra como desejando-se bem reciprocamente por uma das razões mencionadas acima.

Como todos já haviam lido o texto previamente e para essa oficina foi pensado em formato de discursão e debate sobre o texto, com visões e percepções diferenciadas, iniciou a organização para o início.

Esse momento aconteceu no pátio da escola. Foi organizado um círculo com os que estavam presentes e lançado alguns questionamentos problematizadores para a realização de uma tempestade de ideias.

- Por que o homem necessita de amigos?
- Em que medida pode-se julgar uma amizade?
- Quais os reais sentidos do homem no que concerne a amizade?
- Pode o homem, viver sozinho, sem amigos?

Os questionamentos problematizadores propostos para a realização da tempestade de ideias foi um momento de diálogo muito profícuo, com a participação dos estudantes nas discussões que foram pontuadas.

A primeira problemática que fazia referência a questão: “por que o homem necessita de amigos?”, as respostas foram as mais variadas. A grande maioria dos estudantes, mediante todos os momentos até então já vividos durante as oficinas, disseram que o homem não vive sozinho, ele precisa de outro homem para interagir. Acreditam que os homens precisam de amigos para sair para as festas, para conversarem sobre os amores, para irem ao trabalho, para irem juntos à escola, para se construírem mutuamente. Essa foi a minha compreensão, mediante as afirmativas ali expostas.

O segundo questionamento foi “em que medida pode-se julgar uma amizade”, e como no primeiro foram muitas as respostas. Falaram que as amizades são medidas pela credibilidade que um amigo passa para o outro, como por exemplo não trair a confiança, não deixar de ser amigo quando encontra um novo amigo ou começa a namorar, não falar mal ou contar algum segredo confiado, a outras pessoas, dentre outras afirmações. A prosa soou num ritmo bem adolescente, mas com a visão e experiência que os estudantes tinham sobre o tema abordado.

O terceiro questionamento foi “quais os reais sentidos do homem no que concerne a amizade?”, nesse momento, a quietude tornou-se inquietude. A maioria

dizia que tinha que haver o sentimento de amor, mas alguns diziam que entre “homens” amor não pode, só a amizade, e assim seguimos. Mas, no geral, chegamos à conclusão que os sentimentos que cabem em um ciclo de amizade são variados: carinho, respeito, afeto, cumplicidade, união, reciprocidade. Nesse sentido, à medida que cada sentimento ia sendo pontuado, os que não achavam que amor não pertencia aos homens dentro da amizade, foram ficando calados e entendidos que esse sentimento é somente um afeto que une as pessoas, independentemente de qualquer outra situação. Foi bastante proveitoso esse momento.

O quarto questionamento foi: “pode o homem, viver sozinho, sem amigos?”, e assim seguimos com as discussões. Na visão dos estudantes, os homens, de forma geral, necessitam viver em sociedade e essa sociedade só se forma quando vários sujeitos se constituem em seu ciclo. Dessa forma, os homens precisam uns dos outros para viver. Assim, vão se constituindo as amizades. Por isso eles não vivem sozinhos, precisam de amigos. Existem alguns que se arriscam a viver de forma isolada, mas na maioria das vezes são infelizes e solitários.

Outros tantos questionamentos surgiram e as respostas também, inclusive representações afetivas de alguns deles. Espontaneamente, cada um foi falando sobre o que estava exposto como questionamento, conseguindo dentro do seu conhecimento de vida e experiência, relatar de forma a se fazer entender seu pensamento sobre a amizade, seus anseios enquanto adolescentes. Também, discutiram sobre suas expectativas no que se refere e relaciona ao outro, a vida e ao mundo. Esse momento compartilhado trouxe um resultado muito positivo.

Abaixo, imagem dessa oficina.



Na imagem acima, duas alunas sentiram necessidade de demonstrar um gesto de afetividade, que segundo elas, seria essencial dentro de um ciclo de amizade, o de abraçar. No momento de registro da imagem acima, estavam se dirigindo aos colegas, que estavam sentados no círculo para abraçá-los.

Os registros feitos nos cadernos etnográficos neste dia foram apenas a escrita dos questionamentos problematizadores.

5.7 7ª Oficina: dinheiro

Para esse dia foi organizado dois momentos de oficina. O primeiro foi assistir a animação Happiness¹⁹, logo em seguida, a entrega de frases de diversos filósofos relacionadas a temática do dia, dinheiro.

Para o primeiro momento seguiu-se a organização dos aparelhos áudio visuais para que fosse possível a reprodução da animação. Ao iniciar o vídeo, os alunos ficaram perplexos ao perceberem como a realidade retratada, através dos ratos se assemelhava tanto a realidade vivida pelos seres humanos no mundo hodierno.

Durante o curto período do vídeo, as conversas e inquietações foram muitas,

¹⁹Disponível em: <https://youtu.be/e9dZQelULDk>

mas eles não perderam o foco no que estava sendo proposto. Ao final, o burburinho foi geral, iniciando assim a discussão.

Cada um que quisesse falar primeiro para expor seu pensamento, sua ideia sobre o que havia visto e o que tinha a ver com tema dinheiro. Muitas foram as falas, observações. Nesse dia, nenhum aluno ficou calado, todos deram opinião sobre o assunto abordado.

Foi realizado um paralelo através do que foi exposto no vídeo e a realidade da humanidade, um olhar sobre como percebemos a corrida desenfreada que os homens têm pelo sucesso e, conseqüentemente, pelo dinheiro. A discussão gerou-se observando em que medida isso é favorável para ele, pensando sempre na necessidade de cada um tem para a sobrevivência, no sentido financeiro, de saúde, emocional e físico.

A continuidade ocorreu com a distribuição das frases para a construção de uma tempestade de ideias. Uma aluna foi entregando a cada um dos colegas uma das frases, que havia sido impressa em papel e recortada, para que eles pudessem fazer uma leitura e uma análise, com o que foi visto na animação, o que eles pensavam e o que os filósofos refletiam sobre o dinheiro.

Nesse momento houve outro tumulto, porém, individualmente, eles foram se acalmando, lendo e falando o entendimento sobre o que o filósofo pensava e o que eles consideravam, a partir do que havia sido proposto até o momento. Muitos pensamentos e posicionamentos diferenciados foram pontuados. Todos os estudantes participaram e ficaram muito gratificados com o tema direcionado naquela oficina, quiseram até colar a frase em seus cadernos etnográficos, como forma de registro.

Abaixo, segue o material que foi impresso e entregue aos estudantes para a tempestade de ideias.

FRASES PARA A TEMPESTADE DE IDEIAS

(<https://www.citador.pt/frases/citacoes/t/dinheiro/30> e

https://www.pensador.com/frases_dinheiro/3/)²⁰

²⁰Optamos por trabalhar com o material citado nesse site por ser de fácil acesso. Informamos que não foi possível checar a fidedignidade.

“O dinheiro é uma felicidade humana abstracta; por isso aquele que já não é capaz de apreciar averdadeira felicidade humana, dedica-se completamente a ele”.

Arthur Schopenhauer

“O dinheiro é a coisa mais importante do mundo. Representa: saúde, força, honra, generosidade e beleza, do mesmo modo que a falta dele representa: doença, fraqueza, desgraça, maldade e fealdade”.

Arthur Schopenhauer

“Dinheiro é como água do mar: quanto mais você toma, maior é sua sede. O mesmo se aplica à fama”.

Arthur Schopenhauer

“O dinheiro é um bom criado, mas um mau senhor”.

Francis Bacon

“O dinheiro que temos é o instrumento da liberdade; aquele de que andamos atrás é o da servidão”.

Jean-Jacques Rousseau

“Em questões de dinheiro temos todos a mesma religião”.

Voltaire

“Nunca ninguém enriqueceu com dinheiro”.

Sêneca

“O dinheiro é como o adubo, não é bom se não for distribuído”.

Francis Bacon

“O dinheiro não tem ideias”.

Jean-Paul Sartre

“Não acredites nem nos que pedem emprestado, nem nos que emprestam; porque muitas vezes, perde-se o dinheiro e o amigo...e o empréstimo”.

William Shakespeare

“Para mau pagador, más garantias”.

Homero

“Se queres saber o valor do dinheiro, tenta pedi-lo emprestado”.

Benjamim Franklin

“Os credores têm melhor memória do que os devedores”.

Benjamim Franklin

“Há apenas um tipo de comunidade que pensa mais em dinheiro do que os ricos: os pobres. Os pobres não conseguem pensar em mais nada”.

Oscar Wilde

“A falta de dinheiro é uma dor a que nenhuma outra se compara”.

François Rabelais

“O dinheiro só é poder quando existente em quantidades desproporcionadas”.

Honoré de Balzac

“As pessoas dividem-se entre aquelas que poupam como se vivessem para sempre e aquelas que gastam como se fossem morrer amanhã”.

Aristóteles

“Os homens esquecem mais rapidamente a morte do pai do que a perda do património”.

Nicolau Maquiavel

“Devemos prosperar por merecimento, não por proteção”.

Platão

“A fortuna da qual dispomos deve ser considerada como um muro protector contra os muitos possíveis males e acidentes, não como uma permissão ou, menos ainda, como uma obrigação de sair à procura dos prazeres do mundo”.

Arthur Schopenhauer

documentário “Nós que aqui estamos por vós esperamos”, mas em decorrência da Pandemia, não foi possível a realização do momento presencial. Já havíamos disponibilizado para os alunos o documentário. Alguns deles já haviam assistido, mas não houve a possibilidade da realização desta oficina.

6 NOS FRIOS BANCOS DA ESCOLA, SEMPRE É PERMISSÍVEL UMA EXPERIÊNCIA

Nos frios bancos da escola, nos espaços repletos de pessoas e tão solitários, e, por certo, podemos citar as salas de aula, como lugar privilegiado de mediar algo que fuja dos padrões de “normalidade”, vivenciados no dia a dia da escola.

Se vai dar certo não sabemos, mas a tentativa da exposição da vida numa visão filosófica é o que está posto de forma nua, para que possamos fazer as tentativas de mediar opiniões, vivências e experiências retratadas na escrita da vida, durante toda a construção de nossa história de vida.

Ao pensar em realizar os momentos de oficinas em companhia dos estudantes na sala de aula, para a realização das oficinas, surgia um misto de ansiedade, vontade, perseverança e determinação.

Como professora do ensino regular da rede pública, sempre me foi passado os conceitos e as orientações decorrentes da sociedade e da cultura, das quais estamos inseridos em que, o repasse de conteúdos e a adestração de sujeitos (assim como foi comigo durante o Ensino Fundamental e Ensino Médio), são os fatores mais importantes no contexto escolar, pois ainda vivemos no país do “cabresto”.

Com o passar do tempo, trabalhando com jovens adolescentes e adultos, percebi que a necessidade de pensar a vida nos espaços da escola, por vezes vazios, mesmo encontrando-se habitado, se fazia urgente e a mudança na rotina da sala de aula. Essa mudança seria necessária e urgente para oportunizar a vivência e a experiência própria de cada estudante como algo transformador, era necessário para o crescimento intelectual e filosófico da vida.

A experiência vivida e compartilhada, durante as oficinas interventivas com os estudantes, foi uma experiência de grande significado. Por certo, pode ser que palavras não consigam descrever a experiência vivida e compartilhada durante esse percurso.

Ao propor o compartilhamento da vivência e experiência que cada estudante traz, acredito que em maior ou menor grau, toda essa dinâmica mudou o estudante e a mim como professora e pessoa. Podemos pensar que, ao discorrer sobre a vida, a

partir daquele momento, a própria vida também mudou, percebendo que não somos os mesmos no momento seguinte ao momento vivenciado.

Como a experiência acontece em cada um a cada momento vivido, é certo que, o que foi compartilhado nas oficinas interventivas, foi a experiência tocada em muitos, foi experiência que será encarnada e jamais retirada do sujeito que se permitiu ser tocado por ela.

Percebendo a escola lugar de experiências diversas e como instituição de ensino “formadora” de sujeitos, ela precisa repensar seu papel no que se refere a perceber o estudante como ser de presença, sujeito de vivência anterior ao espaço da escola, aquele que precisa ser visto, e primordialmente, ouvido em seus anseios, em suas expectativas e em suas necessidades.

Enquanto e como professora de Filosofia, aprendi uma grande e verdadeira lição: não podemos achar que sabemos o que o aluno quer ou o que é melhor para ele, podemos sim, ouvir e entender ele em suas dificuldades, o que não é tarefa fácil e as necessidades não são poucas.

É um papel extremamente difícil o de “ser professor”. Essa dificuldade não se dá só pela luta constante e diária, mas pelo modo de reconhecer em nosso estudante o que ele tem de melhor, levando em conta o que ele entende e acredita ser isto, visto que nossas políticas de castração, não nos permite pensar ele e permitir a ele pensar dessa forma.

A experiência compartilhada durante a realização deste trabalho traz para o ensino de Filosofia o aprendizado de que, as vivências e as experiências que os estudantes carregam são tão importantes quanto os conteúdos sistematizados nos livros didáticos. Que o aporte teórico tem relevante importância, mas não só o ensino de Filosofia como o de outras disciplinas, possam ser repensados, a partir do que o estudante pode contribuir com sua vivência. Que possa agregar valor a ele, juntamente com os conteúdos “formais” disponibilizados nos materiais construídos e disponibilizados para as escolas.

Mas, mesmo diante de cenários diversos, possamos ser perseverantes e incentivadores de sujeitos que queiram e sintam à vontade de viver, fazendo de cada momento o acontecimento não só da vida, mas como também da experiência.

7 CONSIDERAÇÕES, REFLEXÕES E OUTRAS POSSIBILIDADES

Alice: - Mas eu não sei como sair daqui. Aliás, nem sei como vim parar aqui nesse país.
 Chapeleiro Maluco: - É. É assim mesmo.
 Alice: - Como assim?
 Chapeleiro Maluco: - Nesse país só se chega sem saber.
 Coelho: - Só quem não sabe o caminho é que vem até aqui.
 Chapeleiro Maluco: - Esse é o único modo.
 Alice: - Mas eu quero sair daqui. [...] Mas o que eu devo fazer? Como sair desse país?
 Coelho: - Ora! Do mesmo jeito que você chegou.
 Chapeleiro Maluco: - Mas, ao contrário.
 Alice: - Mas qual é o caminho?
 Coelho: - Não há caminho.
 Chapeleiro Maluco: - O caminho só vira caminho depois que passou por ele.
 Coelho: - Você faz o caminho.
 Alice: - Mas como?
 Chapeleiro Maluco: - Comece a andar, Alice.
 (Lewis Carroll 2014)²¹

Quando pensamos no nosso trilhar vivencial da existência e experiência na construção cotidiana da escrita da vida e da história de vida, muitas vezes, nos percebemos como Alice, sem saber porque estamos naquele lugar e como sair desse lugar. Assim, no divagar da vida, vamos caminhando e nos formando. Essa formação nos leva a caminhos certos, a caminhos incertos, mas o importante é iniciar o caminhar, pois ele pode favorecer caminhos mágicos como os que Alice percorreu. Dessarte, serão percebidas incríveis personagens nas passagens da vivência em cada momento, traduzindo, nesse encantamento, o tocar da experiência e a vontade de seguir sempre, em busca de novos caminhos e novas formas de trilhar cada um deles.

Ao pensarmos que somos nós que escolhemos um caminho a trilhar, podemos entender também que ele que nos escolhe, remetendo-nos a contextos simples e com significados complexos, no âmbito da vida e de sua construção histórica.

Surpreendente do mesmo modo, é percebermos que muitos caminhos percorridos, anteriormente, já não são iguais quando se volta a percorrê-los

²¹ Esse diálogo foi transcrito a partir do curta *Alice no país das maravilhas* e traz uma releitura do famoso clássico de Lewis Carroll. É importante destacar que o diálogo deste vídeo não consta no livro da mesma maneira, pois trata-se de uma releitura do clássico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pphww8hXouw>> Acessado em: 31 de jan de 2021.

novamente, fazendo com que as experiências vivenciadas em um dado momento possa acontecer de forma diferente, quando vivenciadas em um novo momento, mesmo com o acontecimento igual.

Em um primeiro momento, a nossa inquietação surgiu à medida que refletimos, junto aos estudantes, o percurso do caminhar nas estradas da escrita da vida e das experiências tocadas e passadas em cada um.

Pensamos nas possibilidades de construção conscientizada, nas quais cada sujeito, sendo singulares e ao mesmo tempo plurais, percebam que as experiências não são caracterizadas pelo excesso de informações recebidas ou pelo excesso de opiniões expressadas. É relevante perceber que elas seguem uma linha que vai além, e que existem várias outras possibilidades para o “pensar”.

Precisamos pensar o sujeito como sendo o “da experiência”. Que ele se perceba como o que se constrói, a partir do espaço que ele permite ter para as relações experienciais acontecer. Assim sendo, não se equivocando ser o sujeito banhado de informações, mas não sendo permissível a ele o acontecimento da experiência por estar ocupado demais, na busca constante de informação e emissão de opinião. Nessa perspectiva, podemos perceber o homem como um sujeito que além de informado opina, e segundo a visão de Larrosa (2018, p. 20), se alguém,

(...) não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. (...) a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiências, também faz com que nada nos aconteça.

O sujeito precisa experimentar as sequências de vivências de experiências, mas se faz necessário desacelerar a velocidade em que essas vivências ocorrem. Então, fica evidente que deve existir uma proximidade maior com os acontecimentos vividos com a própria vida.

As experiências vivenciadas se perderam no tempo/espaço, diante de uma sociedade moderna que adentrou em nossas vidas de forma discreta, mas penetrante. Essa sociedade moderna silenciou os diálogos pontuais que outrora acontecera, e enfatizou a busca pela informação atrelada à tecnologia.

Em um segundo momento, pensamos em refletir sobre como a vida se faz no chão da escola. Como as oportunidades de diálogos são favorecidos nesses espaços tão importantes no que diz respeito a construção identitária do sujeito ao

relacionar-se consigo e com o mundo. Como pensar o estudante na sua formação experiencial no espaço da escola, enquanto ser que se forma e se transforma, como sujeito que se relaciona e se constitui como ser social?

Podemos pensar que, mesmo diante do século XXI, vivemos numa sociedade de reprodução de pensamentos e conceitos, na qual culturalmente são traçadas as metas e objetivos destinados aos sujeitos da experiência, sem que seja permitida a ele a livre escolha nessas decisões. Somente com essa liberdade, ele poderia trilhar, de forma orientada, os caminhos a seguir segundo e seguindo seus anseios e vontade.

No chão da escola se passam muitas coisas, inclusive a experiência. Sobre experiência e a necessidade de pensar, Larrosa (2018, p. 22), enfatiza que:

... (não se pensa porque se quer, mas sim porque algo nos faz pensar) como uma certa interrupção do nosso modo-de-estar-no-mundo, como o que acontece quando um determinado desengate ocorre em nossos modos habituais, costumeiros, de estar-no-mundo.

Se tantas coisas acontecem, inclusive no chão da escola, esse modo de estar-no-mundo precisa ser repensado, pois quando as rupturas existenciais da vida ocorrerem, os sujeitos da “vida” estarão abertos ao pensar, e esse pensar estará retornando para ele em forma de autonomia, determinação e experiência.

A escola pode ser identificada como lugar de construção de experiência, mas ainda é perceptível que ela continua fazendo imposições arraigadas a uma cultura medíocre. É necessário um repensar para a flexibilidade, seguindo as questões éticas e legislativas, tendo como preponderância a abertura para uma reflexão libertadora e de autonomia, e que a flexibilidade seja a ponte para as experiências necessárias para a formação do sujeito. No que se relaciona ao espaço escolar, o que nossos alunos anseiam no chão da escola, segundo Silva (2020, p. 60), “eles querem apenas um lugar que identifique como seu, onde a vida tenha espaço para acontecer, onde eles poderão escrever a vida como ela é, como ela acontece, sem estranheza, eles querem apenas existir”.

Seguiremos com a escrita da vida como um modo de viver e pensar o mundo. Sabemos de forma primeira, que os sujeitos não iniciam a escrita da vida a partir do momento que adentram à escola, existem outros lugares que antecedem essa escrita. As possibilidades para essa construção não se esgotam em si, nem

tampouco são definidas por um lugar determinado. Os caminhos são diversos para que o sujeito possa trilhar e se relacionar, de forma íntima, com suas experiências.

A quarta parte foi o momento de colocar em prática o que havíamos pensado em conjunto com os alunos. A intervenção foi a concretização das nossas aspirações sobre o a escrita da vida e as experiências que dela deriva.

Cada etapa das oficinas foram momentos de viver as experiências plurais por elas também proporcionadas. A cada final de dia, percebíamos que já não eramos mais os mesmos, algo em nós também mudara.

A primeira oficina foi o momento da entrega dos Cadernos Etnográficos e na sequência, um diálogo sobre a vida, regado à leitura do livro infantil *A borboleta azul*. As falas dizíveis naquela prosa foram peculiares a cada aluno, onde o saber e o sabor das experiências relatadas, num reconto recortado das histórias de vida deles, havendo um paralelo dinamizado com a história infantil em pauta, foi o que nos fez pensar e repensar o fazer da vida para aquele e para os vários momentos que ainda teríamos adiante no expresso mundo-viver.

A segunda oficina veio a acontecer com a proposta de uma pesquisa exploratória. Essa proposta teve como norteammento um questionário a ser respondido pelos alunos com temas sobre a vida, para que, posteriormente, esses temas dessem seguimento às demais oficinas que seriam realizadas, num total de cinco.

A terceira oficina aconteceu já com um tema definindo, mediante a pesquisa exploratória realizada, e foi sobre a Felicidade. Nesse momento, foi disponibilizado um vídeo, para que pudéssemos refletir com um respaldo filosófico. Em seguida, cada aluno pôde se expressar através de palavras ou desenhos, onde o refletir sobre a vida e ser feliz foi um perfeito exercício experiencial de vida e para a vida.

A quarta oficina seguiu o mesmo formato. A sequência foi dada com um segundo momento para o tema Felicidade. Para essa dinâmica, trabalhamos um material impresso, com ênfase na visão filosófica de felicidade.

Nesse dia, houve uma prosa informal nos jardins da escola, onde pudemos falar da vida de forma leve e agradável. Percebemos que esses momentos “felizes” são raros na atualidade, vivenciada hoje por nós. Existe uma automaticidade gigantesca que fere cada sujeito de forma que ele não percebe, mas o torna uma pessoa “infeliz”. Pensamento descrito pelos estudantes, no diálogo entre nós, naquele momento.

A quinta oficina se deu com a temática Amizade, na qual trabalhamos com um curta metragem que abordava o ensinar e o aprender, quando se é mestre e quando se é aprendiz.

Com a reflexão proporcionada na atividade, pudemos entender um pouco como a amizade e seu vínculo de afeto interfere de forma positiva nas vivências e experiências do dia a dia do sujeito, na busca da descoberta da vida e do mundo, num tempo/espço que só o sujeito conhece. Cada estudante teve a oportunidade de escrever em seu caderno etnográfico o que acreditava ser amizade em seu processo de construção de história de vida.

A sexta oficina transcorreu dando sequência a quinta, com o tema Amizade. Para esse dia, utilizamos um fragmento de um livro com material impresso para leitura, e logo em seguida, alguns questionamentos foram sugeridos para serem debatidos pelo grupo.

Esse momento aconteceu no pátio da escola, e a discussão foi muito interessante. Para os questionamentos, diversas foram as percepções, e num ritmo de autenticidade todos expressaram o que tinham em pensamento sobre o que foi proposto. Muitos gestos de afeto foram demonstrados nesse espaço de tempo.

A sétima oficina teve como tema Dinheiro. Nesse dia, tivemos como proposta uma animação que abordava um mundo onde só se pensava em dinheiro e em tecnologia. Bem-estar e felicidade, ninguém enxergava mais ninguém num claro/obscuro mundo de conto de fadas irreal, que era representado por ratos, mas traduzia claramente a vida do ser humano hoje.

Após a exposição do vídeo, foi entregue um material impresso com frases de filósofos que falavam sobre dinheiro, para que fizéssemos um paralelo em relação aos dois pensamentos. As opiniões foram muitas, diversas, controversas, mas autênticas, com uma visão de vida adolescente, dentro de uma singularidade plural, que só o sujeito da experiência é capaz de expressar.

Ao finalizar esse momento interventivo, percebi que no chão da escola com seus frios bancos, com espaços povoado de alunos e por vezes tão solitários, podemos e devemos pensar em quebrar as regras até então impostas, criar novos padrões que fujam dos antigos padrões, precisamos pensar a escola como o lugar que pretende abrir horizontes e não mais favorecer castração de mentes.

Devemos cuidar dos vários lugares que habitamos, inclusive de nós. Assim, devemos e somos responsáveis em concluir nosso trabalho fazendo uma reflexão

sobre o que Larrosa (2018, p. 337), diz:

Talvez seja certo que o espírito sopra onde quer e quando quer, que a verdade, seja ela qual for, não tem abrigo, nem tem teto de lugar privilegiado, mas tal como estão as coisas não é demais cuidar de alguns lugares especiais e de algumas disposições especiais para facilitar a sua tarefa.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. v. 12. Lisboa: Editora Presença, 1976.

ABBAGNANO, Nicola, 1901/1990. **Dicionário de Filosofia**; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARANGO, Gabriel Jaime Murillo. **Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria** / Gabriel Jaime Murillo Arango; compilado por Gabriel Jaime Murillo Arango. - 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. Editora Brasiliense, 1987, 3ª ed.

BERGSON, Henri, 1859-1941. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito** / Henri Bergson; tradução Paulo Neves. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BONDIA, Jorge Larrosa; Karen Rechia. **P de professor**. São Carlos: João e Pedro Editores, 2018.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de ser professor**. Tradução Cristina Antunes. - 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CAETANO, Hugo da Silva e Souza, Sueli Ribeiro Mota. **Educar pela experiência: aprender para existir no mundo**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 10-18, jan./jun. 2015.

Carta sobre a felicidade: (a Meneceu) / Epicuro; tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CARVALHO, Marcelo. **Teoria e experiência**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Figuras do Pensável (As encruzilhadas do labirinto-VI)**. Tradução de Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Figuras do Pensável (As encruzilhadas do labirinto-VI)**. Tradução de Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática** - Campinas, SP: Papirus, 1989.

ÉTICA A NICÔMACO /POÉTICA (ARISTÓTELES); Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. NOVA CULTURAL 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DEWEY John/ Robert B. Westbrook; Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida** (Self- transformation through narratives of live stories). Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

LAVILLE, Christian, Jean Dionne. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HECK, Lenira Almeida. **A Borboleta Azul** / Lenira Almeida Hack (Júlia Vehuiah); ilustrado por Adriano Schnorr Desso. Lajeado, RS: UNIVATES, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo - parte I**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Edição 15. Editora Vozes. Universidade de São Francisco, 2005.

MATOS, Junot Cornélio. **A formação pedagógica dos professores de filosofia: um debate, muitas vozes** / Junot Cornélio Matos. - 1 ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2013.

MATOS, Junot Cornélio. **Dialogação: filosofia da educação**. Curitiba, PR: CRV, 2015.

MITROVITCH, Caroline. **Experiência e formação em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino de (orgs.). **Memoria docente, investigación y formación** / edición a cargo de Paula Dávila. - 1a ed. - Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2010.

MOMBERGER, Christine Delory. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133- 147, jan./abr. 2016. Université Paris 13 Sorbonne Paris Cité. Tradução do Francês por Eliane das Neves Moura. Departamento de Letras/UFMT – Doutoranda PPGE/UFMT.

MOMBERGER, Christine Delory. **Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação**. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.27 | n.01 |

p.333-346 | abr. 2011.

Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som : um manual prático I Martin W. Bauer, George Gaskell (editores); tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

RICOEUR, Paul, 1993. **A memória, a história, o esquecimento** – tradução: Alain François (et al.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RILKE, Rainer Maria, 1875-1926. **Cartas a um jovem poeta**. Tradução de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradutora: Rita Correia Guedes. Fonte: L'Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

SCIACCA, Michele Federico. **História da filosofia: do século XIX aos nossos dias**. v. 3. São Paulo: Mestre JÓU, 1996.

SILVA, Gildimar Guilherme da. **O impensado: uma experiência filosófica sobre a escrita da vida**. 2020. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade pesquisa interdisciplinar: epistemologia e pesquisa operativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Dicionário escolar de língua portuguesa / compilado por Alfredo Scottini. – Blumenau, SC: Todo livro Editora, 2009.

APÊNDICE A - SITES DE PESQUISA REALIZADA

<https://www.dicionarioinformal.com.br/exist%C3%A2ncia/>
<https://www.dicio.com.br/vida/>
<https://www.culturagenial.com/filme-vida-maria/>
<https://www.citador.pt/frases/citacoes/t/dinheiro/30>
https://www.pensador.com/frases_dinheiro/3/
<https://youtu.be/QaNQR5wU46w>
http://filosofia.com.br/vi_dic.php?pg=9&palvr=E
<https://youtu.be/cTAh-Jvegp0>
<https://youtu.be/e9dZQelULDk>
<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/08/poesia-escola-paulo-freire-com.html>
<https://www.youtube.com/watch?v=Pphww8hXouw>

ANEXO A - CADERNO ETNOGRÁFICO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE
ASSIS

INTERVENÇÃO FILOSÓFICA

TEMA: Histórias de vida como mediação para o filosofar

ORIENTADORA: Profa. Edilania Rocha Oliveira

ESTUDANTE: _____

CADERNO ETNOGRÁFICO

Santana do Ipanema, AL, setembro de 2019

MEMORIAL

Trata-se de escrever alguns recortes de sua trajetória de vida, sobre experiências vivenciadas de sua escrita da vida, com a realizadas de oficinas com respaldo de Pesquisa Exploratória.



Oficina 1 –

- Caderno Etnográficos;
- História infantil: A Borboleta azul

[illegible]

Oficina 2 –

- Pesquisa Exploratória

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines, typical of notebook paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Oficina 3 – Felicidade 1

- Vídeo: Como ser feliz – a felicidade em Aristóteles

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Oficina 4 – Felicidade 2

- Material impresso: Carta de Epicuro a Meneceu

[illegible]

Oficina 5 – Amizade 1

- Curta metragem: Aprender a Aprender

[illegible]

Oficina 6 – Amizade 2

- Material impresso: Fragmento do Livro: *Ética a Nicômaco* (Livro VIII p. 168 a 171)

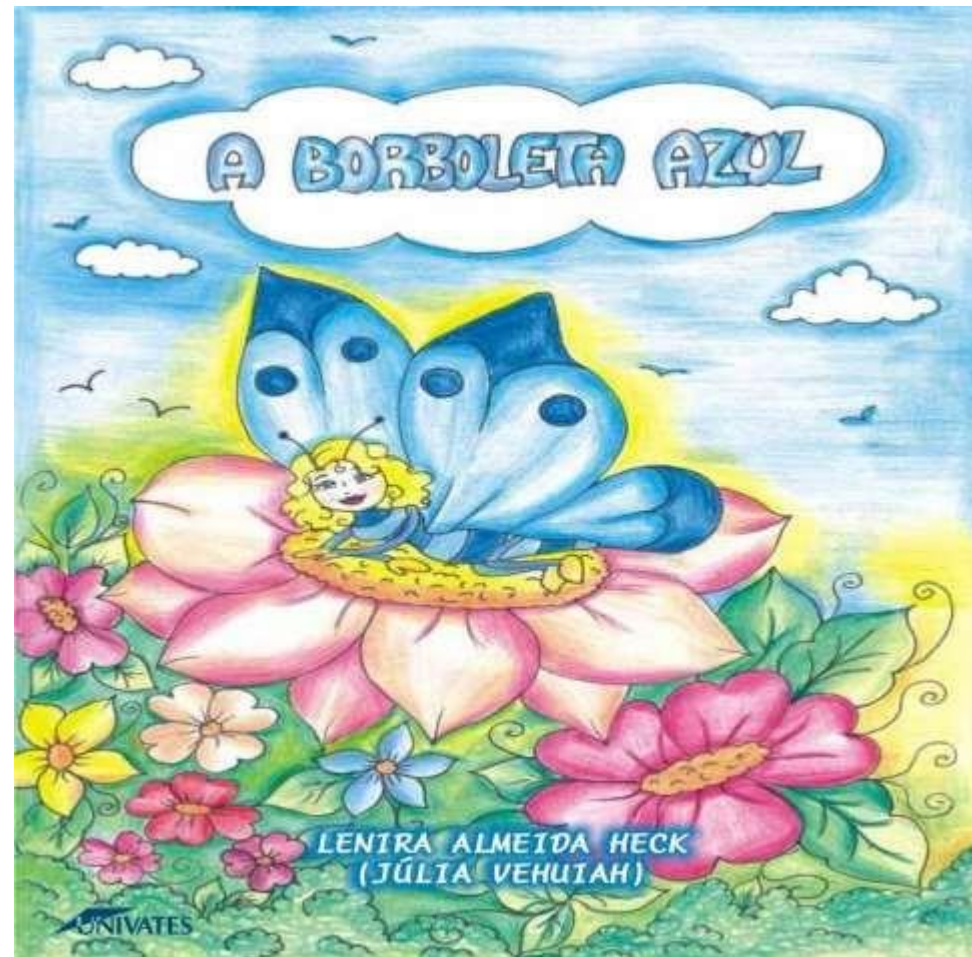
This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper appears to be a standard notebook page.

Oficina 7 – Dinheiro

- Animação: Happiness;
- Material impresso: Frases filosóficas sobre o tema

[illegible]

ANEXO B - LIVRO DE HISTÓRIA INFANTIL A BORBOLETA AZUL





Fifi era a lagarta que nasceu do ovo que alguma borboleta pôs sobre uma folha qualquer. Ao nascer, comia sem parar, tanto que, quando atacava as plantas, não sobrava nenhuma folha sequer.

Mas o tempo passou... Fifi, agora, se preparava para a grande transformação; então saiu à procura de um lugar bem tranquilo.

Depois de caminhar muito, encontrou uma árvore que ficava próxima à toca do Coelho Amarelo.

Lá chegando, subiu, ajeitou-se sobre o tronco e lá ficou, sem comer nem beber, num jejum total.

À sua redor, teceu uma casca marrom e, dentro dela, adormeceu por vários dias.



Certa manhã, quando o Coelho Amarelo saiu da toca, percebeu que alguma coisa muito estranha estava acontecendo lá em cima do galho. De repente, a casca marrom se rompeu e dele surgiu uma linda Borboleta Azul.

O espanto foi tanto, que o Coelho Amarelo fugiu dali em saltos velozes.



A Borboleta Azul era bela como um anjo, mas muito desengonçada. Suas asas, ainda molhadas, não a deixavam voar. Foi preciso algum tempo para iniciar as primeiras tentativas.

No início, começou voando baixo e bem devagar, com muito cuidado para não se machucar. Outras vezes, era bem atrapalhada, pois, durante os vôos, esquecia de bater as asas ou as enroscava uma na outra e, quando isso acontecia, plott! Caía estatelada. Mas, quanto mais caía, tanto mais insistia.



Com o passar do tempo, a Borboleta Azul tornou-se muito esperta e estava sempre disposta a conhecer novos lugares. Certo dia, decidiu voar para bem distante, muito além das montanhas azuladas que ao longe avistava.

E, assim, embolada pela suave brisa, sobrevoou a imensa planície; rumo ao desconhecido.



A Borboleta Azul sentia-se feliz, muito feliz, tanto que fazia piruetas no ar como se bailasse ao som da vento e do farfalhar das árvores. Enquanto bailava, assim cantava:

Voadando no céu azul,

Eu sou feliz, feliz!

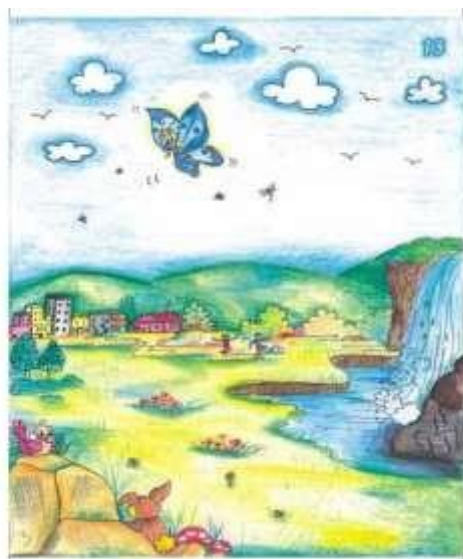
Festejando a liberdade

De voar neste mundo sem fim...



18

Naquelas manhãs de primavera, por toda a parte, as flores se derramavam pelo chão com o seu colorido e perfume. O céu azul era navegado por nuvens brancas, aves e variedades de insetos; no solo, crianças brincavam, felizes.



19

Cansada de voar, a Borboleta Azul pousou sobre um poste e, do alto, ficou a observar a vida dos homens.

No início, ficou assustada, mas logo foi se acostumando e passou a admirá-los.

A partir de então, todos os dias, pousava no mesmo lugar só para vê-los passar.



10

Após longas passeias, a Borboleta Azul procurava abrigo em algum galho frondoso e lá ficava relembrando coisas que tinha visto durante o voo. Um gesto entre os homens lhe chamou a atenção: duas criaturas se encontraram e, sorrindo, deram-se as mãos.



10

A Borboleta Azul, mesmo percebendo as diferenças existentes entre as espécies, sentia uma grande simpatia pelos homens, tanto que, se pudesse, entraria na casula e de lá sairia transformada numa linda mulher, como aquelas que vira passar.



20

Certo dia, a Barboleta Azul acordou indisposta. Não se preocupou, porque sabia que estava nos dias de pôr os seus ovos. Tranquila, se deixou atrair pelo perfume das flores de um belo jardim. Após saborear o doce néctar, escolheu uma folha e nela pôs os ovos.

Mal tinha terminado, sentiu um terrível mal-estar. Suas asas, de repente, ficaram pesadas e suas patas já não lhe obedeciam.



22

Combaleando, tentou se firmar sobre uma flor. Nesse momento, sentiu alguma coisa prendê-la.

Pela primeira vez, estava próxima do ser que tanto admirava. A sua presença a encheu de alegria. E, sem nenhuma resistência, se deixou pegar, confiante da bondade humana.

A Barboleta Azul ainda tentou se mexer, mas não conseguiu e ficou imóvel para sempre, porque o seu tempo havia terminado.



24

Após examiná-la, o colecionador ficou muito contente, por se tratar de uma espécie rara. Em seguida, levou-a para fazer parte de sua coleção.

Entre as tantas que estavam em exposição, a Borboleta Azul era a mais bela, atraindo pessoas de todos os lugares.

Algum tempo depois... Longe dali, no belo jardim florido, algumas larvas saíam dos ovos, e um novo ciclo começava.



25

Esta é a Borboleta Azul, uma espécie rara e considerada uma das mais belas. Foi descoberta há alguns anos em um jardim florido, no belo jardim florido, algumas larvas saíam dos ovos, e um novo ciclo começava.

Entre as tantas que estavam em exposição, a Borboleta Azul era a mais bela, atraindo pessoas de todos os lugares.

Algum tempo depois... Longe dali, no belo jardim florido, algumas larvas saíam dos ovos, e um novo ciclo começava.

Entre as tantas que estavam em exposição, a Borboleta Azul era a mais bela, atraindo pessoas de todos os lugares.

Algum tempo depois... Longe dali, no belo jardim florido, algumas larvas saíam dos ovos, e um novo ciclo começava.

Lista de nomes de autores

1. O Primeiro e o Segundo
2. O Primeiro e o Segundo
3. O Primeiro e o Segundo





A borboleta passa por várias transformações antes de ter a forma adulta. Ela sofre metamorfose - seu corpo muda de forma durante o seu desenvolvimento. Observe as figuras abaixo e descreva o que acontece em cada fase:



Borboletas são flores que voam. Procure as borboletas iguais e forme pares, depois pinte-as de acordo com o colorido das flores:



ANEXO C – MATERIAL PRODUZIDO PELOS ESTUDANTES DURANTE A PESQUISA EXPLORATÓRIA



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Thiago Rocha dos Santos

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 O Brasil e o mundo em um contexto político

O cenário atual onde o mundo se encontra é preocupante, para todas as direções que nos viramos parece que uma guerra ideológica está prestes a eclodir. E se inserir nesse debate é sufocante, se não existe já está fadado a ser machista, comunista, fascista e etc.

b. Tema 2 Propósito de vida

Achar um objetivo para existir pode parecer fácil para alguns, mas para mim não é algo tão simples. Encontrar uma posição de onde poder algo surreal, não me vejo inserido no mercado de trabalho de nenhuma forma, é insustentável para mim a ideia de gastar anos de minha vida com uma rotina monótona.

c. Tema 3 Meio ambiente

O discurso a luz do dia com o meio ambiente é uma péssima hábito que reflete o descaso do ser humano com nossa fauna e flora. É triste percebermos que o ser humano desvaloriza o que lhe proporciona a existência. Mas isso é só a primeira passo para um futuro ainda mais sombrio.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Thilly Alen Damasceno

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Faculdade

Terminar o ensino médio e fazer faculdade,
e lá estudar a profissão que eu quero estudar no
futuro.

b. Tema 2 Dinheiro

O dinheiro não é tudo na nossa vida, mas
sem ele não conseguimos.

c. Tema 3 Aparentadoria

Depois de trabalhar por muito tempo receber
a aposentadoria, que é uma contribuição do que
fizemos enquanto trabalhávamos, e com ela ter
uma vida melhor de descanso.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Diego Silva Almeida

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Sua Posição

Sei que estou na mercede, tem um cargo dentro de uma grande empresa. E, assim, quando tem um nome conhecido no currículo.

b. Tema 2 Matemática

Porque estudo quantidades, lógicas e também as coisas das matemáticas que eu gosto de estudar na vida.

c. Tema 3 Empreendedorismo

Porque quero fazer algo novo, por isso, quero fazer algo novo e diferente dentro da mercede.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Jose yslam da Silva

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 TEMPO

O tempo é dinheiro o quanto mais consigo mais eu ganhar,
 Com os estudos o quanto eu consigo mais estudar mais
 eu vou ganhar

b. Tema 2 VIDA DE ESTUDOS

Com o tempo nós vai ter que se acostumar com a rotina da
 vida de estudos, isso está no sangue do Brasileiro, como se se não
 estuda vai ter uma coisa que não quero no futuro

c. Tema 3 DIENHEIRO COM ESPERANÇA

Com dinheiro e com esperança de conseguir o que eu
 mais quero para mim, com esperança afiançar de dinheiro
 conseguirei o que quero para os meus objetivos...



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Bruno Henrique Rocha Carvalho

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Faculdade

Quem um dia depois de muito estudo, e se nela que aprendemos tudo sobre a profissão que queremos ser. O que estudar e que muitas pessoas não conseguem entrar na faculdade.

b. Tema 2 Trabalho

Indo trabalhar ~~para a faculdade~~ na profissão que tanto desejamos e com ele ganharmos nosso salário para poder sustentar nossa família e pagar nossos dívidas.

c. Tema 3 Aposentadoria

Indo depois de longo tempo de profissão podemos ter nosso direito de descanso e ter uma vida tranquila junto com a família. ~~Que é o que me preocupa~~ O que me preocupa é que demora muito para conseguir a aposentadoria.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n - Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Tayna Babilille Costa Santos

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Futuro

É algo que preocupa muita gente, sobre o que não se tem certeza. Sendo que o futuro pode ser planejado, mas não depende de quanto nos dedicamos e nos esforçamos para aquilo que desejamos.

b. Tema 2 Relacionamentos

São os vínculos que unimos com aqueles que estão ao nosso lado, e hoje esses vínculos estão cada vez diminuindo. É isso que me preocupa, a forma que estou me relacionando com os que estão ao meu lado.

c. Tema 3 Amor

Sentimento que preenche as lacunas na alma, que nos motiva sempre um novo começo, e nos motiva que sempre podemos mais. Infelizmente é o que mais falta no mundo o amor ao próximo.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Gabriel Alves de Oliveira

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Doença

Ter uma boa saúde é essencial para ter uma vida longa, e para isso, precisamos muito cuidar de nós, pois não se contenta com doenças e problemas físicos, porém, também é essencial ter uma boa saúde para ter felicidade.

b. Tema 2 Educação

Ter uma boa base de educação é o que ajuda em seus planos para o futuro, para poder fazer uma profissão e ter um ótimo emprego para ter uma boa condição de vida.

c. Tema 3 Desenvolvimento

Desenvolvimento é um conceito que envolve o mundo inteiro, particularmente tudo que temos que fazer é usar o nosso conhecimento de uma maneira para desenvolver uma condição.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Danysson Silva

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Autismo

Tema este que tem preocupado muitas pessoas, com de de extrema impatância e que, quando eu não é uma barreira que nos impede de evoluir espiritualmente.

b. Tema 2 Arte (geral)

Tendo consciência de que a arte humana é social e se expressa, de forma reflexiva, vemos como o estudo das artes é essencial e igualmente mal apresentado e estruturado no país.

c. Tema 3 Psicologia (comportamento social)

Estudo da psicologia especificamente nas relações sociais, de forma a ver estratégias de convívio e aperfeiçoar-se nos sentimentos humanos.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Maria Luísa de Siqueira Ferreira

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Democracia

A definição de esta estrutura para ser "alguém" mas é a estrutura para quem é feita com um objetivo. Para, a maioria dos alunos de 2º ano de 2020 para a escola, com qualquer estrutura de vida.

b. Tema 2 Arquitetura

Uma coisa que eu acho interessante, mas não significa, esta é a única coisa que eu acho que eu acho.

c. Tema 3 Sociedade

Uma coisa que eu acho interessante, mas não significa, esta é a única coisa que eu acho que eu acho.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Mauara da Silva Calhota

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1

Economia / Dinheiro

Dinheiro é extremamente tão essencial quanto água e energia, tudo fica mais difícil sem ele. Economia para poder adquirir o dinheiro e também porque acho o assunto interessante.

b. Tema 2

Voluntade

É uma qualidade marcante em todos os pontos, e logicamente meu também. Buscando algo que não existe e nem sei onde eu estou, mas isso que eu sinto no momento certo.

c. Tema 3

Sociologia / Antropologia

Gosto e quero saber mais sobre a história de tudo e como as coisas aconteciam antes e passado para entender o presente / futuro.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Maria Jaqueline Silva Rodrigues

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Religiões

Não vou falar sobre a católica ou a evangélica e sim, sobre a umbanda ou sobre o espiritismo para não ficar tão religioso.

b. Tema 2 Auto-aceitação

Aprender, uma forma de se aceitar com as humanidades, se aceitar na sociedade e principalmente se aceitar com seus defeitos.

c. Tema 3 Solidade

uma forma de buscar a felicidade mesmo com todas as dificuldades que estão ao seu caminho.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Facileme Batista Rodrigues

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Futuro

Todos nós temos um futuro, e podemos escolher como ele vai ser, mas isso pode dar um "pouco" de trabalho.

b. Tema 2 Amizades

Hoje em dia é muito difícil de encontrar uma amizade verdadeira.

c. Tema 3 Saúde

Sem saúde não temos nada.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Dayne da Silva

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Felicidade

Que se trata de momento, e que também depende muito de você, do que faz para ter a felicidade que precisa.

b. Tema 2 Amigos

Nem sempre são verdadeiros como diz ser, e são poucos o que temos de verdade, tudo falso.

c. Tema 3 Dinheiro

A verdade é que precisamos do dinheiro para tudo, com ele você pode lá triste mais, vai ser um triste com dinheiro, como todo o resto.



ESTADO DE ALAGOAS
 ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n - Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL.

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Marysa Cristiana de Oliveira Aquino

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Futuro

Eu sei que é essencial para jornada da vida, sem estudos e apoio da família o futuro não prevalece, mas tudo com esforço e estudos é alcançando conseguindo ser um futuro brilhante.

b. Tema 2 Família

Eu tenho como experiência que mesmo eles desistindo de sua capacidade sei que dá a volta por cima e mostrar ao contrário ... no verso —>

c. Tema 3 Felicidade

A felicidade é essencial no nosso dia-a-dia, sem felicidade não temos vontade de viver, não estamos bem psicologicamente nem de saúde, A felicidade é tudo.



ESTADO DE ALAGOAS
 ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL.

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Enzo Santos Velloso

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Trabalho.

Meu trabalho ou meu emprego é o que mais me preocupa, pois tenho que depender dele o que vai o que vem e a realidade que consigo melhorar talvez não consigo e a situação dele que vou conseguir tudo.

b. Tema 2 Relacionamentos.

Infelizmente é o que mais penso, se vou ter filhos e se quero ter eles, ou se vou conseguir manter eles.

c. Tema 3 Educação Física.

Pois ainda penso que muito do meu futuro vai ter a ver com a minha vida de todos os dias, família, desconhecidos e amigos. Melhorar tudo mais.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Maria Valentina F. Teodósio Silva

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Confiança

Que como pessoas não conhecemos de
alguém que podemos confiar, então que
ultimamente é difícil de encontrar pois
as pessoas gostam de se aproveitar de outras,
isso vai nos deixando sozinho, estamos
nos afastando um dos outros.

b. Tema 2 Futuro

Agora que estamos na reta final da escola
o futuro vai nos preocupando alguns não
sabem ainda se que querem e isso vai
colocando-os para baixo nos temer que nos
preparar para o que virar.

c. Tema 3 dinheiro

É uma coisa essencial na vida das
pessoas, apesar de ser material, mas
do que dinheiro proporciona de felicidade,
mas as vezes ^{com} a falta dele perdemos alguma
oportunidades, e isso me preocupa.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Emanuel Carlos Silva Reis

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Saúde

Em relação a saúde, viver com saúde é o mínimo para que tenha uma vida com "gosto", não se preocupar quando for comer uma pizza ou algo que não seja saudável, mas logicamente com moderação.

b. Tema 2 Dinheiro

Dinheiro é basicamente a base de tudo, dinheiro pode não ser a felicidade de tudo, mas pode trazer algo momentâneo que faça você estar feliz, você tem mais liberdade, pode viajar sem se preocupar com tudo.

c. Tema 3 Futuro

Futuro parece um monstro para uns, mas sem ele você não pode ter ou ter uma saúde boa, sem ele você não tem um trabalho cujo desmoldaria o dinheiro e o dinheiro uma vida melhor, uma saúde melhor.



ESTADO DE ALAGOAS
 ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Maria Aparecida dos Santos Silva

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Decepção

Quem sofre de decepção, sofre tanto na vida, quando temos esperanças, mas não conseguimos superar as decepções.

b. Tema 2 Escolta

Escolta algo é um desejo, que temos medo de cumprir-lo, escolta-lo... enfim, a vida é feita de escolhas, e não podemos nos dar ao luxo de não escolher.

c. Tema 3 Futuro

O futuro depende da nossa escolha no presente, por isso que temos medo de escolher algo que vai nos definir no futuro.



ESTADO DE ALAGOAS
 ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n - Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Dayne Santos Silva

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Maturidade

É preciso tê-la para melhor lidar com partidas, traições, situações de abalo emocional ou estacionais. É necessário tê-la para não se perder em tentar ganhar o que amamos.

b. Tema 2 Reciprocidade

Como se diz, hoje vivemos tempo líquido. Não há mais pureza nas amizades, nas namoros; agora "comparamos" confiança seletivamente no lugar de conquistá-la. E que se pode fazer para algo muito acontecer? Por que não usamos da honestidade muita em vez de ambição?

c. Tema 3 Felicidade

A nossa maior busca. Será que um dia ela será conquistada? Por que é tão difícil enxergá-la? Não a procuramos, mas a vivenciamos com o mínimo de percepção livrada com os amigos, um filme com a família e sonhar pequenas coisas que só nos damos conta de que foram importantes quando não podemos mais ter.



ESTADO DE ALAGOAS
 ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL.

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Anthony Panto de Castro

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Futuro

Porque hoje em dia a maior preocupação das adolescentes é como será o futuro. Logo que é importante pensar as coisas porque tanto no futuro que acabam esquecendo do presente. Então deixa uma análise "Por que pensa no futuro é a morte"

b. Tema 2 Amizade

Porque hoje em dia não tem mais a maioria das pessoas acabam ficando sem algo que não é só para agradar pessoas que futuramente sempre entender que eles não vale tudo mas apenas foi você que tornou ela tão especial assim

c. Tema 3 Música

Porque, muita mais preocupação é um dia parar de tocar, pois com a ^{da} música tem a maior parte da vida, a maioria das pessoas que não fazem a música especial não imaginam um dia deixar isso de lado, pois sem a música estarei apenas vivendo



ESTADO DE ALAGOAS
 ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Gabriel Rentes Lima

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Vinte e oito

É que as pessoas mais buscam, acreditando
que as conseguir, teriam "vinte e oito na vida"

b. Tema 2 Felicidade

A felicidade não é um estágio da vida.
Ela está nos momentos, e que só nos damos
conta depois que passa. meu objetivo é consi-
derar particular esses momentos e aproveitá-los ao
máximo possível.

c. Tema 3 Amor

Já passei por experiências em que fui amar
alguém. É também por experiências em que me
fizem duvidar até mesmo se o amor se quer
se mesmo existe.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Henrique Maciel Silva Sales

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Simulação

É que hoje em dia é muito difícil confiar as pessoas com coisas que sejam sinceras, porque muitas das coisas que são sinceras são apenas coisas que as pessoas têm que ter mais vontade com os outros, assim é uma mudança bastante recente.

b. Tema 2 Resiliência

Que muitas pessoas não têm um problema que seja um problema, elas acham que não têm um problema. Que elas têm que têm tudo de mais, de se adaptar com as mudanças, e elas sempre permanecem com os problemas.

c. Tema 3 Reciprocidade

Reciprocidade tem a ver com algo que alguém tem que tem reciprocidade, porque se não tem mais que tipo, não é mesmo. É algo para que deve ter em todos os relacionamentos.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Adem Roberto B. da Silva

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Depressão

Luta diária de alguns, para mim também
foi por muito tempo, hoje ainda é, mas lições
com isso já está mais fácil graças ao meu
tratamento.

b. Tema 2 Dinheiro

Nos tempos mais convenientes, dinheiro move
o mundo, e vale mais do que o Triste em
Dulce do que caber em Armas.

c. Tema 3 Amar

Aprendi a me valorizar e me amar após
um relacionamento abusivo, que não me
ensinou o que era amar, mas ensinou o
que não era.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n – Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Flóvia Letícia Farias Gomes

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1 Amizade / Amor

São duas questões muito delicadas; algumas têm demais outros de menos, o que mais me preocupa essas duas coisas a serem certas é a confiança e reciprocidade etc. É quando dão "enredo" algumas dessas duas experiências podem destruir, machucar o indivíduo.

b. Tema 2 Dinheiro

Bem é aquele ditado: "O dinheiro não traz felicidade mas a ausência dele e a sua falta pode levar a diversas situações indesejadas". Todos nós sabemos algo que nos dê uma boa renda, e tentamos todos os dias ganhar isso.

c. Tema 3 Careira Profissional

É algo que a gente sempre se questiona e buscamos algo que nos faça financeiramente, espiritualmente felizes. Alguns jovens nem até mesmo depois de adultos se perguntam ou buscam a sua carreira profissional.



ESTADO DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA LAURA MARIA CHAGAS DE ASSIS
 Rua Gilmar Pereira de Queiroz, s/n - Bairro Camoxinga
 Santana do Ipanema- AL

PROJETO INTEGRADOR: FILOSOFIA

TURMA: 2º ano A

PROFESSORA: Edilania Rocha Oliveira

ALUNO: Alexandre Oliveira de Almeida

QUESTIONÁRIO

- Elencar (citar) 3 temas relativos a sua vida que gostaria de estudar, temas que tratem sobre questões que mais o preocupa hoje, e dizer brevemente, o que já sabe sobre eles.

a. Tema 1

Tempo

O tempo é uma dádiva da vida e da consciência. Ele determina toda ação e reação do homem. A tristeza que amarga a mente é a que exerce a alma. Então ter tempo para aprender mais sobre o tempo.

b. Tema 2

O peso da realidade.

A realidade é a que nos desorienta. O que esperamos de tudo que nos rodeia? Então, não adianta que tudo que não tem uma realidade, tudo depende da sua realidade.

c. Tema 3

Temas

Plano em temas de temas que algo além de ideias é uma tentativa. A realidade é que temas de ideias são mais e mais.